

Rudolf Steiner

Os graus do conhecimento superior

O caminho iniciático da imaginação,
da inspiração e da intuição

Tradução:
Lavínia Viotti

Nota à quinta edição do original

Ao preparar, em 1914, a nova edição do livro *O conhecimento dos mundos superiores*, Rudolf Steiner já havia reformulado, para edição em livro, os artigos sobre ‘Os graus do conhecimento superior’ publicados de 1905 a 1908 no periódico *Lucifer-Gnosis*. Essa nova edição não se realizou, em virtude da guerra.

Em 1931 a sra. Maria Steiner publicou pela primeira vez esses artigos sob forma de livro. Em conformidade com o que Rudolf Steiner expressara em seus prefácios sobre a reformulação de *O conhecimento dos mundos superiores*, efetuaram-se alterações em dois lugares – pois a autonomia do discípulo em relação ao mestre devia ser ressaltada.

A presente edição (a segunda como livro) no âmbito da Obra Completa de Rudolf Steiner tem por base textual os artigos do periódico *Lucifer-Gnosis*, excetuando-se as correções efetuadas pelo Autor em 1914. O texto é precedido por suas observações feitas nesse mesmo ano para a quinta edição de *O conhecimento dos mundos superiores*, as quais são válidas também para *Os graus do conhecimento superior*.

Prefácio de Marie Steiner

O periódico *Luzifer*, publicado por Rudolf Steiner para a divulgação da Ciência Espiritual, foi ampliado em 1904, quando se fundiu com a revista *Gnosis*, publicada na Áustria. Sob o nome de *Luzifer-Gnosis*, esse novo periódico trouxe então artigos de Rudolf Steiner, mais tarde reunidos num só volume¹ que, ao lado de *Teosofia*² e *A ciência oculta*³, faz parte das obras fundamentais para a introdução à Ciência Espiritual orientada antroposoficamente. Uma continuação dos mencionados artigos foi publicada depois, sob o título ‘Os graus do conhecimento superior’. Tencionávamos publicá-la como segundo tomo de *O conhecimento dos mundos superiores*. Mas o acúmulo de trabalho que assoberbava Rudolf Steiner nessa época, por sua atividade de conferencista, logo impossibilitou que ele se dedicasse do modo necessário à revista, apesar de esta se haver divulgado bastante. Por falta de tempo foi preciso cessar essa atividade. Foi também por essa razão que se interrompeu a publicação dos artigos sobre ‘Os graus do conhecimento superior’. Por várias vezes nos foi feito o pedido de publicá-los de novo. Aquiescemos agora a esse desejo com esta nova edição. O texto foi interrompido de súbito, de modo que este livro não pretende ser uma obra completa. Tivemos escrúpulos, julgando talvez melhor desistir de sua impressão. O assunto aqui tratado e não terminado já fora, em grande parte, publicado sob outra forma e outros títulos. Porém para o pesquisador do espírito a conquista da realidade espiritual só não é ilusória e se torna possível quando se re-elabora de contínuo o conteúdo espiritual; essa elaboração nunca é demais, e o caminho que se dirige às regiões do espírito deve ser sempre revivido interiormente. A vida anímica de quem se entrega ao trabalho meditativo precisa ser mantida em constante movimento; só assim os aspectos que se lhe apresentaram em determinado

¹ *O conhecimento dos mundos superiores*. Edição brasileira em tradução de Erika Reimann (3ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1991). (N.E.)

² Edição brasileira em tradução de Daniel Brilhante de Brito (4ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1994). (N.E.)

³ Edição brasileira em tradução de Rudolf Lanz (3ª ed. São Paulo, Antroposófica, 1991). (N.E.)

caminho o tornarão cada vez mais receptivo aos panoramas observados sob outros pontos de vista.

Os ensinamentos agora publicados possuem, ao mesmo tempo, um valor histórico. Eles mostram o ponto de partida que as instruções esotéricas de Rudolf Steiner tiveram de adotar; mostram-nos de que modo ele se tornou o guia revolucionário também nesse domínio em que, pela primeira vez, por seu intermédio, o homem pôde dispor de liberdade. Para esse fim foi necessário, com base numa visão total do Universo e num sentimento de enorme responsabilidade, oferecer um fundamento prévio, criar uma atitude de espírito que desse ao homem a possibilidade de, tendo encontrado em si próprio o firme apoio moral necessário, não se deixar, com sua nova liberdade, dominar por tentações e erros. Para ser possível essa atuação – no momento decisivo de transformações históricas, em meio a forças adversas e baseando-se apenas em si próprio – foi necessária a ética perfeita que pulsa através de toda a obra e atividade de Rudolf Steiner e que o forçava a nada mais considerar a não ser o bem da humanidade, a salvação do Ocidente ante a decadência ameaçadora. Então foi preciso edificar desde os fundamentos, a fim de acompanhar as exigências dos tempos presentes. Era necessário dispor da síntese de toda a ciência.

Quando consideramos esses ensinamentos, escritos no início dessa vida de espantosa atividade – dessa vida que terminou em 30 de março de 1925, tendo, logo após a passagem do século, recebido um sinal do destino no momento em que se unira aos círculos teosóficos baseados em fontes orientais –, somos levados a perguntar: como compreender o fato de ter Rudolf Steiner – o mesmo homem que nos encaminhou à liberdade no domínio do esoterismo, e que nesse domínio também nos forneceu uma base segura dentro de nós mesmos, esse homem que só nos obrigou a manter fidelidade ao nosso eu superior, a mesma fidelidade que antigamente o discípulo tinha de prometer ao mestre –, como é possível, repetimos, que Rudolf Steiner, nas instruções que publicamos agora, aludisse ainda à necessidade da união absoluta com o guia espiritual, colocando desse modo o discípulo na dependência do mestre?

Na verdade Rudolf Steiner só se referiu a uma relação de confiança. Desde o início ele evitou qualquer espécie de autoritarismo, afastando-o decididamente de si. Nos tempos antigos, os sacerdotes encarregados da iniciação responsabilizavam-se totalmente pelo candidato à iniciação nos mistérios da existência divina, e atuavam diretamente sobre ele, empregando a própria vontade. Assim sendo, o discípulo era ao mesmo tempo protegido e guiado, podendo evitar os perigos que de outro modo o teriam subjugado. O eu ainda pairava acima dos envoltórios físicos do homem; sua consciência pessoal ainda não despertara. A disciplina dos mistérios consistia em despertar cada vez mais essa consciência. E na iniciação cristã, que nos confere o Mestre Cósmico, a dependência do mestre pessoal é diminuída, quando ainda existe. Essa dependência perde cada vez mais seu caráter pessoal na disciplina rosa-cruz, transformando-se numa relação de confiança. O mestre auxilia o discípulo, indicando-lhe o caminho que ele procura e não consegue achar sozinho; ampara-o moralmente, mostra-lhe os perigos que ameaçam seu caráter – seja por vaidade, seja pela ilusão de imagens enganosas que ele precisa aprender a distinguir da verdadeira realidade espiritual. Desse modo, o mestre é um coadjuvante que teria de retirar-se no instante em que a confiança nele depositada desaparecesse. Até o ponto decisivo do destino em que nos encontramos, o mestre atuante em nossa época tinha de aludir ao passado, ao presente e ao futuro do anseio humano pelo espírito e, iniciando seu trabalho com a educação do indivíduo, tinha de edificar sua

obra como um ato humano por excelência, isto é, como o alimento de uma nova vida, readquirido em prol do mundo vindouro. Rudolf Steiner criou então uma ciência iniciática em que o indivíduo sério e moralmente esforçado encontrará o solo que lhe servirá de base e recorrerá aos elementos que aguçarão sua faculdade de discernir, ao passo que novos universos se abrirão ante seus olhos. Ele não precisa sentir-se inseguro, pois possui o suficiente para realizar suas próprias experiências interiores até encontrar o guia nas regiões espirituais.

Isso não era possível antes que Rudolf Steiner iniciasse sua obra em prol do espírito. Sua obra é a ciência da iniciação. Por meio desta se revela o que se mantinha oculto nos mistérios dos antigos templos: ao lado do conhecimento da evolução cósmica, o conhecimento da futura vinda do Cristo. Por seu intermédio se revela também o que se conservava oculto na Igreja: o ato sanante da libertação da humanidade por meio do Cristo, a compenetração do indivíduo pelo eu, efetuada por Ele no decorrer dos tempos. Em lugar da direção pessoal, o homem tem agora de conseguir, munido das forças do Espírito da Época, encontrar o caminho para o eu de toda a humanidade, o Cristo. A consciência de cada indivíduo amadurece para acolher a força superior do eu; a consciência pessoal é elevada à personalidade espiritual.

Esse é o trabalho do porvir; mas só quando nos firmamos no solo do passado é que podemos, ao prepararmos o futuro, trazer frutos para o presente. Do contrário estaremos criando no vazio. Metamorfose, novamente. O futuro é preparado à medida que o presente, conservando-se no solo do passado, é transformado. Acrescentam-se novos aspectos, do mesmo modo como ao inverno se segue a nova primavera. A força solar compenetra de fogo a terra: tudo o que fenece se transforma, à medida que se metamorfoseia e adquire essência, em vida nova quando a graça divina desce das alturas.

No domínio do esoterismo também existe, pela lei da evolução ondulatória ascendente, um derivar histórico contínuo da vida que perece e floresce, até o momento, aparentemente súbito, em que a graça divina irrompe do alto com sua luz cintilante, como o milagre de uma flor luminosa no verdejante mundo vegetal. Porém sem essa metamorfose e sem a contínua ascensão de uma forma a outra, provocada por sábias potências em todos os domínios das manifestações vitais, os novos valores, os dons do espírito, as línguas-de-fogo do Verbo não desciriam até nós. Sem o conhecimento desse fato, os que recebem essas dádivas não poderiam sequer imaginar a importância daquilo que quer realizar-se entre eles.

As almas que lutam por conseguir conhecimentos espirituais e se aproximam de Rudolf Steiner foram o material humano que a época lhe trouxe e que lhe foi concedido pelo destino; foi com esse material, com suas limitações e premissas, que Rudolf Steiner teve de contar para, com base num edifício fundamentado no conhecimento, elaborar uma ciência da iniciação. Foi preciso arrancar da inércia de nossa época perante o espírito os homens que pudessem ser a ponte para preencher as exigências do futuro.

O mais difícil foi despertar o sentido da liberdade interior e conferir um fundamento ao próprio ser, sob a própria responsabilidade. Seguindo à risca essa meta, Rudolf Steiner nada mais quis ser para os homens do que um instrutor e — quando solicitado — um conselheiro, um renovador dos impulsos espirituais da humanidade. Ele tinha a capacidade de descrever os fatos espirituais porque seu pensamento e sua visão estavam saturados de vida, desenvolvendo-se de um membro a outro [de seu ser] com a força de um organismo natural. A obra de seu espírito está diante de nós: a unidade readquirida entre ciência, arte e religião.

A título de Prefácio do Autor⁴

Quando escrevi os artigos de que o livro [*O conhecimento dos mundos superiores*] se compõe, foi necessário explicar certas coisas de modo diferente do atual. Naquela época eu não podia fazer alusão a muita coisa contida em minhas publicações dos últimos dez anos sobre fatos do processo de conhecimento dos mundos espirituais. Em *A ciência oculta*, *A direção espiritual do homem e da humanidade*, *Ein Weg zur Selbsterkenntnis des Menschen* e, sobretudo, em *O limiar do mundo espiritual* e também em outros de meus livros, descrevi fenômenos espirituais a cuja existência o livro, há mais de dez anos, já devia fazer alusão, porém em termos diferentes daqueles que agora me parecem apropriados. Naquela ocasião tive de dizer, a respeito de muitas coisas ainda não descritas no livro, que poderiam vir a ser conhecidas por ‘informações verbais’. Atualmente, *muito* do que se subentendia com tais indicações já está publicado. Com essas indicações, no entanto, talvez não fossem totalmente evitadas as concepções errôneas pelos leitores. Poder-se-ia atribuir demasiada importância ao intercurso pessoal do discípulo do espiritual com este ou aquele instrutor. Espero ter conseguido acentuar mais nitidamente, nesta nova edição, pela forma de apresentação de certos pormenores, que importa muito mais, conforme as condições espirituais de nossos tempos, ter o discípulo relações *diretas* com o mundo espiritual do que tê-las com a personalidade de um instrutor. Este ocupará, cada vez mais, no sentido espiritual, a posição de apenas auxiliar – tal como, de acordo com as idéias modernas, acontece com os professores de qualquer outro ramo da ciência. Creio ter insistido suficientemente no fato de que, no ensino espiritual, não se deverá atribuir maior importância à autoridade do instrutor e à fé em sua pessoa do que em qualquer outro domínio do saber ou da vida. Parece-me de grande importância o julgamento cada vez mais correto que se deve fazer justamente a respeito das relações do investigador espiritual com pessoas que se interessam pelos resultados de suas pesquisas. Assim, creio ter melhorado o livro nas passagens nas quais, depois de dez anos, pude achar necessidade de correção.

A esta primeira parte [*O conhecimento dos mundos superiores*] deve ser acrescentada uma segunda [*Os graus do conhecimento superior*], com exposições sobre a condição anímica que levará o homem à vivência dos mundos superiores.

Ao se ultimar a preparação da nova edição deste livro, teve início a grande conflagração que a humanidade vivencia atualmente.⁵ Escrevo este prefácio com a alma profundamente comovida pelos pressagos acontecimentos.

Berlim, 7 de setembro de 1914

Rudolf Steiner

⁴ Do prefácio à quinta edição alemã de *O conhecimento dos mundos superiores* (texto extraído da edição brasileira – v. nota 1). (N.E.)

⁵ Primeira Guerra Mundial. (N.T.)

Os graus do conhecimento superior

Até o momento do encontro com os dois ‘guardiões do limiar’, seguimos, no livro *O conhecimento dos mundos superiores*, o sendeiro que leva ao conhecimento espiritual. Queremos descrever agora as relações que a alma desenvolve com os vários mundos ao passar pelas etapas sucessivas do conhecimento. A isso se pode chamar ‘doutrina cognitiva da ciência oculta’.

Antes de penetrar no sendeiro do conhecimento superior, o homem só conhece o primeiro dos *quatro* graus de conhecimento. Trata-se do conhecimento da vida comum, no âmbito do mundo sensório. Naquilo a que se dá comumente o nome de ‘ciência’ também se trata desse primeiro grau de conhecimento, pois essa ciência se limita a elaborar o conhecimento comum de modo mais perfeito e disciplinado. Ela arma os sentidos com instrumentos – microscópio, telescópio, etc. –, para ver com *maior precisão* o que os sentidos por si sós não vêem. Porém o grau de conhecimento permanece o mesmo, tanto no caso de se verem normalmente objetos grandes com a vista comum como no caso de se observarem minúsculos objetos e fenômenos com a lente de aumento. Também com respeito à maneira de pensar sobre as coisas e os fatos, essa ciência limita-se ao domínio das coisas usuais. Classificam-se, descrevem-se e comparam-se os objetos, procura-se imaginar suas transformações, etc. O mais rigoroso dos naturalistas não faz, a esse respeito, nada mais senão metodizar a observação usual. Seu conhecimento torna-se mais vasto, mais complicado e *lógico*, mas ele não passa a uma outra *forma de conhecimento*.

Na Ciência Espiritual chama-se esse *primeiro* grau cognitivo de ‘conhecimento material’. A ele se acrescentam primeiramente *três* graus superiores, aos quais se seguem outros mais. Esses graus serão aqui tratados antes de prosseguirmos na descrição do ‘sendeiro do conhecimento’. Se considerarmos o conhecimento comum – e científico-sensório – como o primeiro grau, distinguiremos inicialmente os quatro graus seguintes:

1. O conhecimento material.
2. O conhecimento imaginativo.
3. O conhecimento inspirativo, chamado também ‘volitivo’.
4. O conhecimento intuitivo.

Esses graus serão tratados a seguir. Primeiro devemos esclarecer melhor esses diversos tipos de conhecimento.

No conhecimento sensório comum, consideram-se quatro elementos: 1º) O *objeto*, que provoca uma impressão sobre os sentimentos. 2º) A *imagem* que o homem forma desse objeto. 3º) O *conceito*, por meio do qual o homem chega a uma compreensão espiritual de uma coisa ou de um acontecimento. 4º) O ‘*eu*’, que, baseando-se na impressão do objeto, forma a imagem e o conceito. Antes que o homem forme uma imagem – uma ‘representação mental’, – existe um objeto que a desperta nele. Esse objeto não é formado por ele, mas apenas percebido – e é com base nesse objeto que surge a *imagem*. Durante o tempo em que se olha para algo, é desse algo que se trata. No momento em que nos afastamos do objeto, só nos resta a *imagem*. Abandona-se o objeto, e a imagem é ‘fixada’ na recordação. Mas não se pode parar nesse processo e formar apenas ‘imagens’. É preciso chegar aos ‘conceitos’. Será imprescindível perceber a diferença entre ‘imagem’ e ‘conceito’ se quisermos obter completa clareza neste ponto. Imaginemos vermos um objeto de forma circular. Em seguida viremo-nos para trás, e conservemos na memória a *imagem* do círculo. Ainda não temos o ‘conceito’ do círculo. Este só se apresenta ao

considerarmos o seguinte: um círculo é uma figura em que todos os pontos estão à mesma distância de um centro. Somente após formar o ‘conceito’ de um objeto é que se chega à sua compreensão. Existem muitos círculos: pequenos, grandes, vermelhos, azuis, etc, porém só *um* conceito de ‘círculo’. A esse respeito ainda falaremos mais detalhadamente; por enquanto só queremos apresentar um esboço que caracterize os quatro graus de conhecimento.

O quarto elemento que se deve considerar no conhecimento material é o ‘eu’. É nele que se forma a unidade das imagens e conceitos. Esse ‘eu’ conserva as imagens na memória. Não fora assim, não haveria uma continuidade na vida interior. As imagens das coisas só teriam existência enquanto essas coisas atuassem sobre a alma. Mas a vida interior depende do fato de as percepções se sucederem uma à outra. O ‘eu’ se orienta ‘hoje’ no mundo porque diante de certos objetos surgem as imagens dos mesmos objetos de ‘ontem’. Devemos refletir que não seria possível existir a vida da alma se formássemos a imagem de um objeto apenas enquanto esse objeto se encontrasse diante de nós.

Também com respeito aos conceitos, é o ‘eu’ que traz a unidade. Ele concatena os conceitos, criando para si próprio uma visão geral, isto é, uma compreensão do mundo. Essa concatenação dos conceitos passa-se no ‘juízo’. Um ser que tivesse apenas conceitos isolados não poderia orientar-se no mundo. Toda a atividade do homem repousa em sua faculdade de concatenar conceitos, isto é, em seu ‘juízo’.

O ‘conhecimento material’ baseia-se no fato de que o homem, por meio dos sentidos, recebe uma impressão das coisas e das representações mentais do mundo exterior. Ele tem a faculdade de sentir, ou a sensibilidade. A impressão recebida ‘do exterior’ é também chamada *sensação*. Por isso, no ‘conhecimento material’, consideramos os quatro seguintes elementos: a sensação, a imagem, o conceito e o eu.

No grau subsequente do conhecimento, desaparece a impressão sobre os sentidos exteriores, a ‘sensação’. Não existe mais um objeto sensório exterior. Restam, portanto, dos elementos a que o homem está acostumado no conhecimento comum, apenas três: a imagem, o conceito e o eu.

Num homem normal, o conhecimento comum não dá lugar a qualquer imagem nem a qualquer conceito quando não existe um objeto sensório exterior. O ‘eu’ permanece então inativo. Quem forma imagens que deveriam equivaler a objetos sensórios, quando na verdade estes não existem, vive num mundo de fantasias. O discípulo de ocultismo, porém, adquire a faculdade de formar imagens, mesmo no caso de não existirem objetos sensórios. É preciso, então, que se lhe apresente, em lugar do ‘objeto exterior’, uma outra coisa. Ele deve poder formar imagens mesmo que nenhum objeto impressione seus sentidos. Em lugar da ‘sensação’ é preciso que se apresente uma outra coisa. Trata-se da *imaginação*. Nesse grau, imagens se apresentam ao discípulo como se um objeto sensório provocasse nele uma impressão; elas são tão vividas e verdadeiras como as imagens sensórias, sem, contudo, originar-se no domínio ‘material’, mas no ‘anímico’ e no ‘espiritual’. Os sentidos permanecem, nesse caso, completamente inativos.

É compreensível que o homem deva primeiro adquirir a faculdade de formar *imagens plenas de sentido* sem as impressões sensórias. Isso acontece por meio da meditação, por meio dos exercícios descritos no livro *O conhecimento dos mundos superiores*. A pessoa que se limita ao mundo dos sentidos vive no âmbito de um mundo de imagens que só através dos sentidos penetrou nela. O homem imaginativo

dispõe de um mundo de imagens proveniente de um plano superior. É necessária uma disciplina muito cuidadosa para se poder distinguir, nesse mundo imaginativo superior, a ilusão da realidade. O homem, ao se apresentarem essas imagens a sua alma, tem a tentação de pensar: “Ah, tudo não passa de fantasmagorias, sendo apenas produto de minha mente.” Isso é compreensível, pois o homem está habituado a chamar de ‘real’ aquilo que se apresenta sem sua participação, com o fundamento firme das percepções dos sentidos. Ele precisa então acostumar-se a chamar de ‘reais’ coisas originárias de uma outra direção, bem diversa da usual. Também a esse respeito, todo o cuidado é pouco se ele não quiser tornar-se um fantasista. Para discernir, nas regiões superiores, o ‘real’ do ‘ilusório’, é preciso adquirir *experiência*. E essa experiência precisa ser adquirida em nossa vida interior, com calma e paciência. Primeiramente é preciso saber que a ‘ilusão’ pode enganar-nos de modo perigoso. Por toda parte estão à espreita imagens baseadas apenas em enganos dos sentidos exteriores, numa vida anormal, e a possibilidade de surgirem tais imagens precisa ser afastada. Primeiramente deve-se obstruir por completo as fontes da ilusão, para poder chegar à *imaginação*. Quando se consegue isso, sabe-se com segurança que o mundo onde se penetra dessa forma não só é tão real quanto o mundo sensório, mas ainda *muito mais real* do que ele.

No terceiro grau do conhecimento, as imagens também desaparecem. O homem só lida agora com o ‘conceito’ e o ‘eu’. No segundo grau ele ainda tinha ante si um mundo de imagens semelhante ao momento em que a memória vivaz conjura ante a alma as impressões do mundo exterior, sem que a própria alma esteja recebendo essas impressões; no terceiro grau essas imagens também deixam de existir: o homem vive num mundo puramente espiritual. Quem estiver habituado a ater-se só aos sentidos será tentado a crer que esse mundo seja pálido e spectral. Porém não é essa a realidade. Também o mundo de imagens do segundo grau nada possui de pálido e sombrio. Em geral são assim as imagens que permanecem na memória quando as coisas exteriores desaparecem; mas os quadros que surgem na imaginação possuem uma vivacidade e um conteúdo incomparavelmente superiores às pálidas imagens recordativas do mundo exterior, e mesmo ao próprio mundo exterior, com todo o seu colorido e riqueza. Também este, comparado ao reino da imaginação, é apenas uma sombra.

O terceiro grau, então! Sua riqueza e complexidade não encontra representação no mundo sensório. Aquilo que a sensação é para o primeiro grau e a imaginação para o segundo é, para o terceiro grau, a *inspiração*. A inspiração fornece as impressões e o ‘eu’ forma os conceitos. Se quisermos de qualquer modo comparar esse mundo a alguma coisa sensória, só o conseguiremos comparando-o com o mundo sonoro da audição. Mas não se trata de sons como os da música sensória, porém de ‘sons puramente espirituais’. Começa-se a ‘ouvir’ o que se passa no interior das coisas. A pedra, a planta, etc. tornam-se ‘palavras’ espirituais. O mundo principia realmente a exprimir, em palavras, seu ser à alma. É um tanto grotesco, porém expressão da verdade dizer que nesse grau de conhecimento ‘ouve-se espiritualmente a grama crescer’. Percebe-se a forma do cristal como um som; a flor que se abre ‘fala’ ao homem. O homem inspirado consegue exprimir o ser interior das coisas; todas as coisas ressuscitam de nova maneira ante sua alma. Ele fala uma linguagem proveniente de um outro mundo; no entanto, só essa linguagem torna compreensível o mundo cotidiano.

No quarto grau do conhecimento, a inspiração também cessa. Dentre os

elementos que, com base no conhecimento cotidiano, estamos acostumados a considerar, só o 'eu' entra agora em consideração. O discípulo de ocultismo nota, numa determinada experiência interior, que se elevou até esse grau. Essa experiência se exprime no seguinte sentimento: ele não se encontra mais *fora* das coisas e dos acontecimentos que conhece, porém no *interior* deles. As imagens não são os objetos; elas apenas o *exprimem*. O que a inspiração dá tampouco é o objeto. Ela apenas o manifesta. Mas o que vive agora na alma é realmente o próprio objeto. O eu derramou-se sobre todos os seres; confluíu com eles. A vida das coisas na alma é a *intuição*. Deve-se tomar ao pé da letra o fato de se dizer que pela intuição nós nos arrastamos para dentro de todas as coisas.⁶

Na vida comum, o homem só tem *uma* intuição: a de seu próprio 'eu'. O 'eu' não pode de modo algum ser percebido exteriormente — só pode ser vivenciado intimamente. Uma simples consideração tornará mais claro tal fato. Essa consideração não é feita pelos psicólogos com a agudeza necessária. Ela é aparentemente insignificante, mas para quem a compreende em toda a sua extensão tem uma importância transcendental. Trata-se do seguinte: todas as coisas do mundo exterior podem ser chamadas pelos mesmos nomes por todas as pessoas. A 'mesa' pode ser chamada por todos de 'mesa', a tulipa de 'tulipa', o senhor Müller de 'senhor Müller'. Mas existe uma palavra que cada qual só pode pronunciar referindo-se a si próprio: é a palavra 'eu'. Para os outros, eu sou um 'tu'; do mesmo modo, para mim os outros são um 'tu'. Só a própria pessoa pode chamar-se de 'eu'. Isso provém do fato de não vivermos *fora* do 'eu', porém *no* 'eu'. É assim que, por meio do conhecimento *intuitivo*, vivemos em todas as coisas. A percepção do próprio 'eu' é um exemplo do conhecimento intuitivo. Para penetrar desse modo nas coisas é preciso, obviamente, sair de si próprio. Precisamos tornar-nos 'desprendidos', 'altruístas' — temos de negar nosso próprio ser para nos fundirmos com o 'ser próprio', com o 'eu' de uma outra entidade.

A meditação e a concentração são os meios seguros para nos elevarmos a esse grau, assim como aos graus anteriores. Quem julga poder elevar-se aos mundos superiores de forma tumultuada, empregando meios violentos, engana-se. Quem espera que a realidade nas regiões superiores se lhe apresente do mesmo modo como no mundo dos sentidos está incidindo nesse erro. Os mundos a que nos elevamos são, na verdade, cheios de vida e riqueza, mas ao mesmo tempo delicados e sutis, ao passo que o mundo sensório é grosseiro e compacto. O mais importante para nós é acostumarmo-nos a chamar de 'reais' coisas muito diferentes das que assim são chamadas no domínio dos sentidos. E isso não é muito fácil. Por essa razão, muitas pessoas que desejariam encaminhar-se no sendeiro do ocultismo afastam-se, assustadas, desde os primeiros passos. Esperavam encontrar coisas tais como mesas e cadeiras, e encontram 'espíritos'. Mas como os 'espíritos' não são semelhantes a cadeiras e mesas, parecem-lhes 'fantasias'. A culpa, nesse caso, só cabe à falta de hábito. Primeiro precisamos de um sentimento correto ante o mundo espiritual, e então não só veremos as coisas espirituais, como também as conheceremos. E uma grande parte da disciplina oculta consiste no correto conhecimento e na devida apreciação das coisas espirituais.

Quando se quer obter esclarecimentos sobre o conhecimento imaginativo, é preciso primeiro observar o estado do sono. Enquanto o homem só haja alcançado o

⁶ Pelo lat. *intus* (dentro) + *ire* (ir) pode-se captar o sentido literal da palavra 'intuição': ir para dentro de algo. (N.E.)

grau do conhecimento *material*, a alma, apesar de viver durante o sono, nada *pode perceber* no mundo em que vive ao dormir. Nesse mundo ela é como um cego no mundo material. O cego vive no mundo da luz e das cores, mas não as percebe. Durante o sono, a alma afastou-se dos órgãos exteriores dos sentidos – da vista, do ouvido, da atividade comum do cérebro, etc. Ela não recebe qualquer impressão através deles. Que faz então, durante o sono? Precisamos saber que a alma, durante o estado de vigília, está em contínua atividade. Ela recebe as impressões exteriores dos sentidos e as elabora: é essa a sua atividade. Essa atividade cessa durante o sono; mas a alma não permanece inativa. Dormindo, ela elabora o próprio corpo. Este, durante o trabalho diário no estado de vigília, sofre um desgaste. Isso se evidencia no cansaço. E durante o sono a alma se ocupa com o próprio corpo, para torná-lo de novo apto para a atividade que o espera no estado de vigília. Vê-se, por consequência, quão importante é o sono normal para a saúde do corpo. Uma pessoa que não durma o suficiente não permite que sua alma atue sobre o corpo para melhorar suas condições de saúde. Por consequência, o corpo enfraquece.

As forças com as quais a alma elabora o corpo durante o sono são as mesmas com que ela atua no estado de vigília. A diferença é que neste último estado ela usa para receber e elaborar as impressões dos sentidos exteriores.

Quando o conhecimento imaginativo se apresenta ao homem, uma parte das forças empregadas no sono sobre o corpo é usada de outro modo. Por meio dessas forças são formados então os órgãos dos sentidos espirituais, que possibilitam à alma não só viver num mundo superior como também percebê-lo. Assim a alma, dormindo, elabora a si própria, e não só seu próprio corpo. Essa elaboração é resultante da meditação, da concentração e de outros exercícios. Quem possui experiência nesse domínio pode calcular o resultado que se apresentará nessa ou naquela pessoa quando ela empreender a tarefa de subtrair o labor da alma sobre o corpo e empregá-lo de uma maneira superior.

A meditação, a concentração e outros exercícios fazem com que a alma se afaste por algum tempo da conexão com os órgãos dos sentidos. Então ela fica imersa em si própria. Sua atividade é dirigida para dentro. No início dessa concentração, sua atividade interior não se diferencia muito da atividade comum. Durante o trabalho interior ela dispõe das mesmas representações mentais, dos mesmos sentimentos e sensações a que está habituada na vida cotidiana. Porém quanto mais se acostuma a permanecer, de certo modo, ‘cega e surda’ ante o mundo sensório que a rodeia, tanto mais se capacita para o trabalho interior. E os frutos do mergulho em seu íntimo se revelarão primeiramente no estado de sono. Quando a alma se liberta do corpo à noite, continua nela a atividade despertada pelos exercícios praticados de dia. Formam-se na alma órgãos por meio dos quais ela se relaciona com um mundo superior, assim como acontecia anteriormente por meio dos órgãos sensórios exteriores com relação ao mundo corpóreo. Das trevas do mundo noturno partem as manifestações luminosas do mundo superior. No princípio essas relações são delicadas e íntimas. E o homem tem de levar em consideração o fato de que por muito tempo, ao despertar, a luz do dia faz cerrar imediatamente uma cortina espessa ante as experiências da noite. A *recordação* do que se percebeu à noite apresenta-se lenta e gradualmente. Não é fácil ao discípulo fixar-se nas delicadas figurações de sua alma que se imiscuem, no decorrer de sua evolução, nas grosseiras experiências da vida sensória cotidiana. No princípio essas figuras lhe parecerão apenas impressões fortuitas da alma. O importante é que o discípulo aprenda a *discernir* entre o que recebe do mundo comum e aquilo que se apresenta como uma manifestação dos mundos superiores através de sua própria entidade. Ele precisa

conseguir esse discernimento numa vida de sentimentos tranqüila e concentrada em si própria. É necessário que ele adquira, antes de mais nada, um sentimento do valor e da importância das figurações íntimas da alma que se imiscuem, como 'idéias fortuitas', à vida de vigília, sendo no entanto recordações de um contato noturno com um mundo superior. No momento em que se quer compreender essas coisas de modo grosseiro, comparando-as com a vida sensória, elas fenecem. Conforme o que dissemos acima, vê-se que pelo trabalho num mundo superior a alma tem de privar o corpo, até certo ponto, de seus cuidados. De certo modo, ela o abandona a si próprio. O corpo necessita então de algo que compense esses cuidados da alma. Caso não receba essa compensação, corre o perigo de ficar à mercê de forças malévolas. É preciso saber que o homem está continuamente exposto às influências do mundo que o rodeia. Ele só pode viver por meio das influências desse ambiente. Em primeiro lugar deve-se considerar, nesse ambiente, os reinos da natureza visível. O homem pertence a essa natureza visível. Se não existissem em seu redor os reinos mineral, vegetal, animal e humano, ele não poderia viver. Imagine-se que o homem fosse erguido da Terra e elevado ao espaço cósmico; como homem físico ele morreria imediatamente, como a mão que seca ao ser separada do corpo. Do mesmo modo como seria uma ilusão da mão humana imaginar ser possível viver sem o corpo, também seria uma ilusão do homem afirmar ser possível haver uma existência física sem os reinos mineral, animal, vegetal e humano.

Mas além dos ditos reinos existem outros, que se subtraem habitualmente à atenção do homem: são os três reinos elementares. De certo modo, eles estão abaixo do reino mineral. Existem seres que não conseguem consolidar-se até o estado mineral, mas no entanto existem e exercem uma ação sobre os homens. (A respeito desse reino elementar, veja-se o que dissemos nos artigos sobre 'A Crônica do Akasha'⁷ e também as observações a esse respeito em minha obra *Teosofia*). Desse modo o homem está sujeito a influências de reinos da natureza que, sob certo aspecto, podem ser chamados de reinos invisíveis. Quando a alma elabora o corpo, uma parte importante de sua atividade consiste em regular as influências dos reinos elementares para que sejam favoráveis ao homem.

No momento em que a alma subtrai do corpo uma parte de sua atividade, este pode ser dominado por forças malévolas dos reinos elementares. Esse é um dos perigos da evolução superior. Por isso é necessário precaver-se para que, no instante em que a alma se afasta do corpo, este por si mesmo só possa receber boas influências do mundo elementar. Não havendo cuidado nesse sentido, o homem comum de certo modo degenera física e moralmente, apesar de conseguir acesso aos mundos superiores. Enquanto a alma vive em regiões superiores, no corpo físico sólido e no corpo etérico penetram forças prejudiciais. É por esse motivo que certas más qualidades, mantidas antes da evolução superior sob o domínio equilibrante da alma, podem manifestar-se agora caso não se tenha o devido cuidado. Sob certas circunstâncias, em pessoas que antes disso eram de natureza bondosa e moral e agora penetram em mundos superiores, pode apresentar-se toda espécie de baixas inclinações, como egoísmo excessivo, inclinação à mentira, sede de vingança, cólera, etc.

Ninguém deve ter receio de elevar-se aos mundos superiores por esse fato; mas é preciso tomar precauções para que não se apresentem tais manifestações. A

⁷ Artigos publicados em 1904 no periódico *Lucifer-Gnosis*, só aparecendo sob forma de livro em 1939, após a morte do Autor. Edição brasileira em tradução de Lavínia Viotti (*A Crônica do Akasha*. São Paulo, Antroposófica, 1995). (N.E.)

natureza inferior do homem precisa adquirir firmeza e tornar-se imune a perigosas influências elementares. Isso é possível pelo aperfeiçoamento consciente de certos predicados. Nas obras sobre a evolução espiritual, eles são citados. Aqui trataremos do motivo pelo qual devem receber todos os nossos cuidados.

Antes de tudo, o homem deve sempre, de modo consciente, discernir em todas as coisas o permanente, imperecível, do efêmero; sua atenção deve fixar-se nas coisas eternas. Em cada coisa, em cada ser o homem pode presumir ou reconhecer aquilo que permanece quando a aparência efêmera desaparece. Quando eu vejo uma planta, posso primeiramente observá-la quanto ao aspecto em que se apresenta aos sentidos. Não se deve, evidentemente, negligenciar esse aspecto. E ninguém descobrirá o eterno que reside nas coisas se não tratar antes de conhecer profundamente o efêmero. As pessoas que se preocupam pensando que o homem, ao dirigir o olhar ao espiritualmente imperecível, perde a 'espontaneidade e a naturalidade da vida comum', não sabem ainda do que realmente se trata. Quando observo dessa maneira a planta, posso verificar que nela existe um impulso vital permanente, que se evidenciará numa nova planta muito depois de a planta atual ter fenecido. Essa maneira de nos colocarmos ante as coisas deve ser acolhida na disposição geral de nossa alma.

Em seguida, é preciso unir o coração às coisas de valor e utilidade, e habituar-se a dar-lhes maior apreço do que às coisas efêmeras e insignificantes. Em todos os nossos sentimentos e ações, devemos considerar o valor do objeto isolado sempre em sua conexão com uma totalidade.

Em terceiro lugar, deve-se elaborar na alma seis predicados: controle dos pensamentos, controle das ações, equanimidade, imparcialidade, confiança no mundo que nos rodeia e equilíbrio interior.

O *controle dos pensamentos* se obtém no esforço por afastar os pensamentos e sentimentos dispersos em contínuo movimento no homem comum. Na vida de todos os dias, não é o homem quem conduz seus pensamentos; ele é impelido por eles. Não pode deixar de ser assim. A vida impele o homem para frente. E em sua qualidade de ente ativo ele tem de conformar-se com isso. Durante a vida *comum*, tem de ser necessariamente assim. Mas se quisermos elevar-nos a um mundo superior, é necessário que nos retiremos interiormente, mesmo que por instantes apenas. Devemos então ser senhores de nossos pensamentos e sentimentos. Dirija-se um pensamento, escolhido em completa liberdade interior, ao centro da alma, ao contrário do que acontece geralmente, quando as idéias nos ocorrem do exterior. Depois devemos afastar todos os pensamentos e sentimentos casuais e só concatenar ao primeiro pensamento aquilo que desejamos que se reúna a ele por nossa própria vontade. Esse exercício tem uma ação benéfica sobre a alma, e por conseqüência também sobre o corpo. Ele possibilita a este último uma disposição harmônica que o resguarda das influências prejudiciais, mesmo quando a alma não exerce sobre ele uma atividade imediata.

O *controle das ações* consiste em organizá-las de modo semelhante, com liberdade interior. Um bom início é procurar praticar um ato qualquer com regularidade, ato a que não seríamos obrigados na vida comum. Na vida comum o homem é incitado à ação por forças exteriores. Mas a menor ação que se pratique por iniciativa própria atua no sentido indicado mais do que qualquer ato a que somos forçados pela vida exterior.

A *equanimidade* consiste em afastar qualquer disposição que se possa chamar de transição entre “a jubilante alegria e a tristeza mortal”.⁸ O homem é arrastado em todas as direções por toda espécie de estados de alma. O prazer lhe causa alegria, a tristeza o abate. Isso tem sua razão de ser. Porém quem procura o sendeiro do conhecimento superior precisa saber conter-se tanto no prazer quanto na dor. Precisa ter ‘igualdade de humor’. Deve poder entregar-se com equanimidade tanto às impressões de prazer como aos sofrimentos: deve caminhar sempre com dignidade entre ambos. Nada deverá abatê-lo, fazê-lo perder o controle. Isso não torna o homem insensível, e sim o transforma num ponto central firme em meio às vagas da vida, que se erguem e se abatem em incessante movimento em seu redor. O discípulo conserva o domínio de si próprio.

Uma virtude importantíssima é o ‘sentido da positividade’. Pode desenvolvê-la quem, em todas as coisas, dirige o olhar às qualidades boas, belas e úteis, e não se fixa imediatamente no que é passível de crítica, no que é feio e contraditório. Existe uma bela lenda persa sobre Cristo, que ilustra o significado dessa qualidade: – Um cão morto está estendido num caminho. Entre os passantes encontra-se Cristo. Todos os outros se afastam do aspecto repelente que o animal oferece; apenas Cristo fala com admiração sobre os lindos dentes do animal. É assim que nos podemos sentir com relação às coisas; em tudo, mesmo nas coisas mais repelentes, quem procura com seriedade encontrará qualquer coisa positiva. E o valor das coisas não reside no que lhes falta, porém no que elas possuem.

É importante também desenvolver a virtude da *imparcialidade*. Todos os homens fizeram suas experiências, e por consequência formaram um certo número de opiniões que lhes servem de direção na vida. Por um lado é naturalíssimo nortear-se de acordo com suas experiências, mas o importante para quem pretende passar por uma evolução espiritual é conservar-se aberto a todos os fatos novos, desconhecidos que se lhe deparam. O discípulo deve ter o maior cuidado para não exprimir o seguinte julgamento: “Isso é impossível”, “isso não pode ser de modo algum”. Sua opinião, de acordo com suas experiências passadas, pode ser esta ou aquela, porém a todo momento ele está pronto a mudar de opinião em decorrência de alguma coisa nova que ouve. Toda e qualquer simpatia com relação à opinião própria deve desaparecer.

Quando os cinco citados predicados são adquiridos pela alma, apresenta-se por si só um sexto: o *equilíbrio interior*, e com harmonia das forças espirituais. O homem tem de achar em si próprio uma espécie de centro de gravidade que lhe dê firmeza e segurança perante tudo o que o arraste na vida para um lado e outro. Não devemos evitar compartilhar da vida e impedir que as coisas atuem sobre nós. Não devemos fugir dos acontecimentos da vida, que nos arrastam de um lado para outro; pelo contrário, temos de entregar-nos a ela, e *não obstante* conservar com segurança e firmeza o equilíbrio e a harmonia interiores.

Finalmente o candidato tem de ‘querer a liberdade’. Conseguir o que em todas as ações encontra um apoio e uma base em si próprio. Isso é muito difícil de obter, pois é preciso procurar com todo o tato o equilíbrio necessário, entre os sentidos abertos, para tudo o que é grande e bom, e ao mesmo tempo evitar qualquer espécie de coação. É muito fácil dizer que a atuação que nos vem do exterior e a liberdade são incompatíveis. Justamente o necessário é que elas sejam compatíveis dentro da alma. Se alguém me relata qualquer fato, e eu o admito sob a

⁸ Expressão de Goethe. (N.T.)

coação da autoridade de quem mo relata – *eu não sou livre*. Mas estarei mais destituído de liberdade ao me fechar ante o que é bom e que posso receber dessa maneira. Nesse caso, o que de pior existe em minha própria alma exerceria uma coação sobre mim. E para existir liberdade, o importante não é eu não estar coagido por uma autoridade exterior, mas principalmente não o estar sob o peso dos próprios preconceitos, opiniões, sensações e sentimentos. Não se deve aceitar cegamente o que se ouve, e sim receber desse modo *um estímulo*; acolhê-lo imparcialmente para poder aceitá-lo ‘livremente’. Uma autoridade estranha só deve exercer sobre nós uma ação quando podemos dizer o seguinte: é justamente por aceitar o que ela tem de bom que eu me torno livre, transformando isso em minha propriedade. E uma autoridade baseada na Ciência Espiritual não quer atuar de outro modo. Ela *dá* o que tem para dar não para *adquirir* poder sobre quem recebe, mas apenas para que o receptor, acolhendo o que lhe é dado, se torne mais rico e mais livre.

Já falamos sobre a importância dos aludidos predicados ao descrever as ‘flores de loto’.⁹ Referimo-nos então à relação existente entre a evolução da flor de loto de doze pétalas, na região do coração, e as correntes do corpo etérico que a ela se prendem. De tudo o que dissemos se deduz com clareza que a tarefa dessas correntes é, principalmente, possibilitar ao corpo físico do candidato privar-se das forças que comumente ele recebe durante o sono e que, em razão de sua disciplina, lhe são necessariamente subtraídas agora. Todos esses exercícios fazem com que se desenvolva o conhecimento *imaginativo*.

A imaginação

É completamente impossível fazer verdadeiros progressos quanto ao ingresso nos mundos superiores sem atravessar os graus do conhecimento *imaginativo*. Não queremos, com isso, dizer que no aprendizado oculto o homem tenha necessariamente de passar pelo grau da imaginação como se fora uma classe de que é preciso desobrigar-se na escola. Em certos casos isso é necessário, porém nem sempre. Tudo depende das experiências vividas pelo discípulo de ocultismo antes de iniciar o aprendizado esotérico. No decorrer destas explanações se verificará que, nesse sentido, tem muita importância o mundo espiritual que rodeia o discípulo de ocultismo; e, conforme as relações deste último com o ambiente espiritual que o cerca, pode-se admitir métodos completamente diversos no ‘sendeiro do conhecimento’.

Parece-me importantíssimo a pessoa estar a par do que diremos a seguir ao dar os primeiros passos no caminho do aprendizado oculto. Não se trata de uma teoria interessante, mas de algo que nos proporcionará variadíssimos e práticos pontos de vista quando quisermos realmente percorrer o ‘caminho do conhecimento superior’.

Com frequência ouvimos pessoas que anseiam por uma evolução oculta expressar-se do seguinte modo: “Eu gostaria de aperfeiçoar-me espiritualmente, gostaria de configurar dentro de mim o ‘homem superior’, mas não tenho qualquer desejo de perceber os fenômenos do ‘mundo astral’.” Compreende-se que assim seja ao se considerarem as descrições desse ‘mundo astral’ nos livros sobre o assunto. Nelas se fala de aparições e entidades que trazem ao homem toda espécie de perigos. Eles se referem ao fato de que o homem, sob a influência dessas entidades, seria facilmente prejudicado em sua moralidade e em sua saúde intelectual. O leitor é advertido de que nesse domínio a parede que separa ‘o sendeiro bom do mau’ é da

⁹ Em *O conhecimento dos mundos superiores*. (N.E.)

espessura de uma 'teia de aranha', sendo muito fácil tombar em abismos insondáveis e afundar na abjeção completa.

É impossível simplesmente negar essas afirmações; mas o ponto de vista que se toma em muitos casos, quanto à entrada no sendeiro oculto, não é correto. A única opinião correta é a seguinte: ninguém deve ser impedido de empreender o caminho do conhecimento superior em decorrência dos perigos que este oferece, mas de qualquer maneira é preciso tomar precauções severas para que esses perigos sejam superados. Em muitos casos, esse fato levará o mestre de ocultismo, ao qual se peça instruções para o ensino oculto, a dar o conselho de *esperar* quanto ao aprendizado propriamente dito e, antes disso, passar por certas experiências da vida comum ou aprender coisas que podem ser aprendidas no mundo físico. A tarefa do mestre de ocultismo será então dar ao candidato direções corretas para que ele faça tais experiências e aprenda tais coisas. Na maioria dos casos se verá o mestre de ocultismo tomar essa decisão. Se o discípulo prestar bastante atenção ao que lhe acontece após entrar em contato com o mestre de ocultismo, observará coisas interessantíssimas. Ele há de reparar que tem agora ocasião de ter vivências ou de observar elementos 'causais' que, sem seu encontro com o mestre de ocultismo, ele certamente não teria nem faria. Muitas vezes os discípulos não reparam nisso e tornam-se impacientes, por não terem prestado a devida atenção às próprias vivências. Não se deve pensar que a ação do mestre de ocultismo sobre o discípulo se evidencie em 'passes de mágica' observáveis de modo sensório. Essa ação consiste em algo muito íntimo, e quem quiser pesquisar sua natureza e sua essência sem ter atingido um certo grau no aprendizado oculto incorrerá fatalmente em erro. O discípulo não agirá corretamente, tornando-se impaciente por ser obrigado a passar por um 'tempo de prova'. Por este motivo ele não será absolutamente prejudicado na rapidez de seu caminho. Pelo contrário: seu progresso seria mais lento se ele iniciasse cedo demais o aprendizado esperado com tanta impaciência.

Se o discípulo deixar que atuem sobre ele, de modo correto, o 'tempo de prova' ou os conselhos e observações do mestre de ocultismo, preparar-se-á de fato para vencer certas provas e perigos que se lhe apresentarão quando ele se aproximar do grau imaginativo, pelo qual lhe será imprescindível passar. Esse grau é imprescindível porque, ao querer entrar em contato com o mundo superior sem atravessá-lo, a pessoa só o conseguirá de modo inconsciente, ficando portanto condenada a tatear nas trevas. Ela pode despertar em si própria um sentimento vago desse mundo superior, sem adquirir a imaginação; pode, sem dúvida, ter a sensação de estar em união com 'seu Deus' ou com 'seu ser superior', mas não conseguirá chegar a um verdadeiro conhecimento, com completa consciência, com clareza absoluta. Por isso não passa de uma ilusão dizer que não é preciso entrar em relação com os 'mundos inferiores' (o astral e o devacânico), sendo necessário apenas que o homem 'desperte o Deus em si próprio'. Quem se contentar com isso que continue em paz com sua aspiração, pois o ocultista não procurará convencê-lo do contrário. Porém o verdadeiro ocultismo nada tem a ver com essa aspiração. De ninguém o ocultismo exige que se torne um discípulo. Mas em quem *procura* seu ensino ele não despertará somente um vago sentimento de sua 'semelhança com Deus', mas procurará abrir-lhe os olhos do espírito para a visão do que existe realmente nos mundos superiores.

De fato, em cada homem existe o 'eu divino'. Porém isso acontece com todos os seres. Na pedra, na planta e no animal também existe e atua o 'eu divino'. Mas o que importa não é ter o sentimento e o conhecimento disso, mas entrar realmente em relação com as *manifestações* desse 'eu divino'. Assim como nada sabe do mundo físico quem afirma continuamente a si próprio que esse mundo encerra ocultamente

o ‘eu divino’, também nada sabe dos mundos superiores quem procura o ‘reino espiritual divino’ em generalidades nebulosas e vagas. Deve-se abrir os olhos e *contemplar* as manifestações da divindade nas coisas do mundo físico – na pedra, na planta –, e não ficar a sonhar que tudo não passa de ‘aparência’ e que a verdadeira forma de Deus está ‘oculta’ por detrás. Não se trata disso: Deus manifesta-se em suas criações, e quem quiser conhecer Deus precisará conhecer a essência dessas criações. Por isso, quando se quer conhecer o ‘divino’ é preciso aprender realmente a contemplar o que se passa nos mundos superiores. A consciência de que o ‘homem-deus’ vive em nós poderá, no máximo, ser um início. Mas esse início, se for sentido de maneira correta, será um impulso para nos elevarmos realmente aos mundos superiores. Mas nós só o conseguiremos se elaborarmos em nós mesmos os ‘sentidos’ espirituais. Tudo o mais que se faça estará partindo da seguinte opinião: eu quero continuar a ser o que sou – e só quero conseguir o que me for possível conseguir sendo o que sou. Mas o ponto de vista do ocultismo é que devemos transformar-nos num outro ser humano para podermos contemplar e vivenciar coisas diversas das comuns.

Para isso, é necessário passar pelo grau do conhecimento *imaginativo*. Dissemos que o grau da imaginação não deve ser considerado como a classe de uma escola de que nos devemos ‘desobrigar’. O caso é que existem, na vida atual, pessoas portadoras de condições tais que possibilitam ao mestre de ocultismo despertar-lhes o conhecimento imaginativo ao mesmo tempo ou *quase* ao mesmo tempo em que o conhecimento inspirativo e o intuitivo. Mas não se deve compreender isso pensando poder existir alguém que não necessite passar pelo grau da imaginação.

Sobre a razão do perigo existente no conhecimento imaginativo, já aludimos em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores*. Essa razão reside no fato de o homem, ao penetrar nesses mundos, perder de certo modo o solo sob os pés. Aquilo que lhe empresta firmeza no mundo físico fica, aparentemente, perdido por completo.

Quando se percebe alguma coisa nesse mundo físico, pergunta-se de onde provém a percepção. Em geral se faz isso inconscientemente. Mas ‘inconscientemente’ sabemos que as causas das percepções dos objetos residem ‘no espaço exterior’. As cores, os sons, os odores partem desses objetos. Não se vêem cores flutuando livremente no espaço, não se ouvem sons, sem poder saber em que objetos essas cores se ‘fixam’, de quais objetos provêm os sons. Essa consciência de que os objetos e as entidades são sua causa confere às percepções físicas – e, portanto, ao próprio homem – firmeza e uma atitude de segurança. Se alguém tem percepções sem uma causa exterior, diz-se então que isso é causado por estados anormais, patológicos. Chamam-se essas percepções sem causa de ilusões, alucinações, visões.

Considerando-se as coisas de um modo completamente exterior, todo o mundo imaginativo consiste nessas alucinações, visões e ilusões. Em *O conhecimento dos mundos superiores* mostramos como essas visões, etc. são, com o aprendizado oculto, provocadas artificialmente. Dirigindo-se a consciência a uma semente ou a uma planta em vias de fenecer, surgem de forma mágica certas figuras diante da alma, figuras que não passam, no princípio, de alucinações. A ‘aparição de chamas’ – da qual se disse, nesse livro, que estas se apresentam na alma pela observação de uma planta ou coisas semelhantes e, após algum tempo, se desprendem por completo da planta –, quando observada exteriormente assemelha-se a uma alucinação. E isso continua no aprendizado oculto, ao se penetrar no mundo imaginativo. Aquilo que comumente estávamos habituados a ver partir das coisas ‘no espaço exterior’, ou que

se ‘fixava’ nelas como um atributo – as cores, os sons, os odores, etc. –, enchem agora o espaço, flutuando livremente. As percepções se desprendem das coisas exteriores e flutuam livremente, ou voejam pelo espaço. E sabe-se com segurança que as coisas que se apresentam não são a causa dessas percepções, sendo estas provocadas por nós próprios. Por isso ocorre julgar que se ‘perdeu o solo sob os pés’. Na vida comum no mundo físico, é preciso evitar ter representações mentais que não provenham dos objetos e que, por assim dizer, perderam o ‘solo firme’. Mas para se despertar o conhecimento imaginativo é preciso justamente que surjam cores, sons, cheiros, etc. ‘flutuando livremente no espaço’, completamente desligados de todas as coisas.

O próximo grau do conhecimento imaginativo deve consistir agora em encontrar um ‘solo firme’ para as representações mentais sem dono. Isso sucederá no outro mundo que agora se revelará. Novas coisas e entidades se apossam dessas representações mentais. No mundo físico a cor azul, por exemplo, está *fixa* numa flor como a escovinha. No mundo imaginativo ela também não deve ficar ‘flutuando livremente’. Ela *aflui*, por assim dizer, para uma entidade. Anteriormente ainda estava desgovernada; agora é a expressão de uma entidade. Por meio dela se transmite agora, a quem a observa, algo que só se pode perceber no mundo imaginativo. Desse modo as representações mentais que ‘flutuam livremente’ se concentram em determinados pontos, e percebemos que por meio delas seres nos falam. E assim como no mundo físico as cores, os odores, os sons, etc. estão ‘fixos’ em coisas e entidades do mundo físico-corpóreo ou se originaram delas, agora nos falam ‘entidades espirituais’ por seu intermédio. Essas ‘entidades espirituais’ estão sempre presentes; elas circulam continuamente em torno do homem, mas não podem revelar-se caso o próprio homem não lhes dê oportunidade para isso. E essa oportunidade ele só pode dar despertando em si próprio a faculdade de fazer surgir ante sua alma sons, cores, etc, mesmo quando estes não se originam de qualquer objeto físico.

Os ‘fenômenos e entidades espirituais’ são totalmente diversos das coisas e seres do mundo físico. Não é muito fácil encontrar na linguagem usual uma expressão que caracterize, nem mesmo aproximadamente, essa diferença. Talvez se possa ter uma certa idéia do que se trata dizendo que no mundo imaginativo tudo se manifesta ao homem como se possuísse uma inteligência imediata, ao passo que no mundo físico a inteligência só se pode revelar por intermédio da corporeidade física. O movimento e a liberdade do mundo imaginativo provém da ausência do intermédio das coisas exteriores; o elemento espiritual vive de maneira direta nos sons, nas cores, etc, que flutuam livremente.

Um dos perigos que ameaçam o homem no aludido mundo consiste no fato de ele perceber as manifestações dos ‘seres espirituais’, mas não os próprios seres. E esse o caso quando o homem permanece apenas no mundo imaginativo, sem elevar-se a outros mundos superiores. Somente a inspiração e a intuição o conduzirão paulatinamente a esses seres. Porém se o mestre de ocultismo quiser despertar cedo demais esses mundos superiores, sem fazer o discípulo penetrar o suficiente na região imaginativa, o mundo superior só terá uma existência nebulosa e fantasmagórica. Perder-se-á a profusão magnífica das imagens em que esse mundo deve revelar-se quando se penetra realmente nele. E nesse fato que reside o motivo pelo qual o discípulo de ocultismo necessita de um guia ou ‘guru’, como é chamado esse guia na Ciência Espiritual.

Para o discípulo, o mundo imaginativo é realmente, no início, apenas um ‘mundo de imagens’, sendo que na maioria das vezes ele ignora o que esse mundo

exprime. Porém o mestre de ocultismo conhece as coisas e entidades com que essas imagens se relacionam num mundo ainda mais elevado. Quando o discípulo deposita confiança no mestre, sabe que mais tarde lhe serão reveladas certas conexões, por enquanto imperceptíveis para ele. No mundo físico, os próprios objetos eram seus guias no espaço. O discípulo podia verificar se suas idéias eram corretas. A realidade corpórea é a 'rocha' em que se destroem todas as alucinações e ilusões. Essa rocha desaparece num abismo quando o mundo imaginativo se apresenta. Por isso o 'guia' deve apresentar-se como uma 'rocha' de outra espécie. Naquilo que ele consegue oferecer ao discípulo, este tem de sentir a realidade do novo mundo. Por aí se pode avaliar quão grande tem de ser a confiança depositada no guia, em todo e qualquer aprendizado oculto que mereça realmente esse nome. No momento em que não se pode mais acreditar no guia, passa-se nesse mundo superior o mesmo que se passaria no físico se, de súbito, desaparecesse tudo aquilo em que repousava nossa crença na realidade das percepções.

Além desse fato, existe ainda um outro, possível de provocar confusão em quem quisesse transportar-se ao mundo imaginativo sem um guia. O discípulo de ocultismo, entre todas as entidades espirituais, fica conhecendo em primeiro lugar a si *próprio*. Na vida física o homem tem sentimentos, apetites, desejos, paixões, idéias, etc. É verdade que tudo isso é provocado pelas coisas e entidades do mundo exterior, mas o homem sabe com segurança que elas configuram seu mundo interior, e sabe também discernir entre o que se passa em sua alma e os objetos do mundo exterior. Porém quando o sentido imaginativo desperta, cessa por completo essa facilidade de discernimento. Os próprios sentimentos, paixões, etc. do discípulo desprendem-se efetivamente dele e adquirem forma, cor e som. Agora o discípulo se defronta com eles como com um estranho, assim como com objetos e entidades do mundo físico. E podemos compreender que se apossa do discípulo uma completa confusão, ao nos lembrarmos do que foi dito no capítulo 'Sobre alguns efeitos da iniciação', do livro *O conhecimento dos mundos superiores*. Ali se relata a forma pela qual o mundo imaginativo se apresenta a quem o observa. Nele tudo aparece ao contrário, como na imagem refletida num espelho. Aquilo que flui do homem parece encaminhar-se para ele. Um desejo seu transforma-se numa forma – por exemplo, na forma de um animal de aspecto fantástico ou de um ser semelhante ao homem. Essa forma parece assaltá-lo, aproximar-se dele para atacá-lo ou obrigá-lo a praticar este ou aquele ato. Então pode suceder que o homem pense estar rodeado por um mundo fantástico, ora excitante e cheio de sedução, ora horripilante. Na realidade isso tudo não representa senão seus próprios pensamentos, desejos e paixões, transformados em imagens.

Seria um grave erro pensarmos ser fácil discernir nosso ser, transformado em imagens, do verdadeiro mundo espiritual. No princípio é completamente impossível ao discípulo conseguir esse discernimento, pois a mesma imagem tanto pode provir de um ente espiritual que fala ao homem como de qualquer coisa no interior da alma. E se o homem se precipita nessa circunstância, expõe-se ao perigo de jamais poder distinguir as duas coisas de modo correto. É necessário o maior cuidado neste ponto.

A confusão se torna ainda maior pelo fato de que os próprios desejos e apetites da alma se apresentam, nas imagens, com um caráter totalmente oposto ao que são realmente. A *vaidade*, por exemplo, se apresenta numa imagem. Ela pode assumir uma aparência sedutora, prometendo as coisas mais maravilhosas se executarmos o que ela exige de nós. Suas pretensões parecem referir-se apenas a coisas boas e dignas; mas se as aceitarmos nos entregaremos à depravação, no sentido moral ou

em outro sentido. Uma boa qualidade da alma pode, ao contrário, assumir uma aparência antipática. Só o verdadeiro conhecedor poderá discernir em tal caso, e somente uma personalidade que não vacile quando é preciso saber distinguir uma meta correta está a salvo das seduções das imagens de sua própria alma.

Quando se considera tudo isso, vê-se quão necessária é a direção de um mestre que, com discernimento, chame a atenção do discípulo para a ilusão e a verdade nesse domínio. Não se deve pensar que o mestre tenha sempre de acompanhar o discípulo. Nem sempre é necessária a convivência do mestre com o discípulo. Evidentemente existem momentos em que essa convivência é desejável, bem como situações em que é absolutamente necessária. Mas, por outro lado, o mestre de ocultismo encontra os meios que lhe permitem pôr-se em contato com o discípulo, mesmo no caso de uma separação física. Além disso, muita coisa que sucede nesse domínio, num encontro entre o mestre e o discípulo, pode com freqüência atuar durante meses, talvez durante anos. Mas existe uma coisa que forçosamente romperá a união necessária entre o mestre e o discípulo. Isso acontece quando este último perde a confiança no primeiro. E é muito prejudicial quando esse laço de confiança se desfaz antes que o discípulo tenha aprendido a discernir entre as imagens enganosas de sua própria alma e a verdadeira realidade.

Poder-se-ia, talvez, argumentar: quando existe tal ligação com o mestre, o discípulo perde toda a liberdade e independência; ele se entrega, por assim dizer, nas mãos do mestre. Mas tal não se dá, em absoluto. De qualquer modo, existem diferenças com relação à dependência do mestre nos vários métodos de aprendizado oculto. Essa dependência pode ser maior ou menor. Ela é relativamente maior no método seguido pelos ocultistas do Oriente e ensinado por eles ainda hoje. Essa dependência pessoal existe em medida muito menor na assim chamada iniciação cristã. E desaparece por completo no sendeiro cognitivo que, a partir do século XIV, é seguido pelas assim chamadas escolas ocultas dos rosa-cruzes. Com estes últimos cessa realmente qualquer espécie de dependência com relação ao mestre. Essa possibilidade será esclarecida no decorrer destas explicações. Nelas se explicará em que consiste a diferença entre esses três 'sendeiros do conhecimento': o *oriental*, o *cristão* e o *rosa-cruz*. Neste último, nada existe que possa prejudicar o homem moderno em seu sentimento de liberdade. Mais adiante também explicaremos que um ou outro discípulo de ocultismo na Europa moderna pode estar na situação de não seguir o caminho rosa-cruz, mas o oriental ou o cristão antigo, apesar de ser o sendeiro rosa-cruz o mais adequado atualmente. Este caminho, como veremos a seguir, é um caminho cristão. Qualquer pessoa pode segui-lo, sem se prejudicar em sua fé cristã, e pode segui-lo também quem julgue estar de posse de uma concepção científica moderna sobre o mundo.

Queremos falar agora de um assunto que talvez ainda deva ser esclarecido. Poderíamos ser tentados a indagar se o discípulo de ocultismo não poderia ser poupado da obrigação de passar através das imagens ilusórias de sua alma – mas se assim acontecesse, ele nunca poderia conseguir o discernimento de que tanto necessita. Nada pode evidenciar mais a natureza peculiaríssima do mundo imaginativo do que a contemplação de nossa própria alma. Primeiramente o homem só conhece a vida interior de sua alma por um lado. Isso acontece pelo fato de ele estar dentro dela. E o discípulo precisa aprender a observar as coisas não só exteriormente, mas como se estivesse dentro delas. Quando seu próprio mundo mental se lhe apresenta como algo estranho, ele fica conhecendo o outro lado de uma coisa que ele só conhecia de um. De certo modo, ele precisa ser o primeiro exemplo desse tipo de cognição. No mundo físico, ele está habituado a algo

diferente. Aí vê todas as demais coisas pelo aspecto exterior; porém a si próprio ele só vivência interiormente. Enquanto permanecer no mundo físico, não poderá ver por detrás da superfície das coisas; e não poderá jamais sair de si próprio, ‘sair da própria pele’ para observar a *si mesmo* pelo lado de fora. É essa a sua primeira tarefa no aprendizado oculto, e isso o auxiliará a contemplar também os fenômenos e entidades exteriores por detrás da superfície.

A inspiração

Na descrição da *imaginação*, esclareceu-se a maneira como o discípulo de ocultismo abandona o solo das experiências sensoriais exteriores. Em grau muito mais elevado, dá-se o mesmo na *inspiração*. Nela as idéias se baseiam muito menos naquilo que podemos chamar de *estímulo exterior*. O homem tem então de encontrar em si próprio a força que lhe faculte formar idéias sobre as coisas. Ele necessita ser interiormente ativo em grau muito mais elevado do que no conhecimento exterior. Neste último, ele se entrega às impressões exteriores que despertam suas representações mentais. *Essa espécie* de entrega cessa na inspiração. Agora não há olhos que transmitam cores, não há ouvidos que transmitam sons, etc. Todo o conteúdo das representações mentais deve, de certo modo, ser produzido pela atividade própria, e portanto por meio dos fenômenos puramente anímico-espirituais. E naquilo que o homem produz pela atividade de seu íntimo é preciso gravar-se a revelação do mundo realmente superior. Existe, aparentemente, uma estranha contradição no que acabamos de dizer sobre o mundo do conhecimento superior. O homem, de certo modo, tem de ser o produto de suas representações mentais; no entanto estas não devem ser, naturalmente, criações suas, mas através delas devem exprimir-se os fatos do mundo superior, do mesmo modo como as percepções da vista, do ouvido, etc. exprimem os fatos do mundo inferior. Essa contradição surge *necessariamente* na descrição desse tipo de cognição — pois o discípulo de ocultismo, no caminho da inspiração, tem de adquirir a capacidade de, no caminho de sua atividade interior, produzir algo que na vida comum lhe advenha obrigatoriamente do exterior.

Por que razão as representações mentais não decorrem arbitrariamente, na vida comum? Porque o homem tem de basear nos objetos exteriores sua atividade mental. Nesse caso o arbítrio peculiar ao ‘eu’ desaparece, pois os objetos exprimem o que são na realidade. Os próprios objetos dizem como devem ser representados mentalmente; o ‘eu’ não tem de imiscuir-se nisso. Quem não quiser submeter-se aos objetos irá representá-los sob um aspecto falso, e em breve notará quão pouco estaria apto a comportar-se de modo correto na vida. Esse modo necessário de comportamento na atividade mental pode ser chamado de ‘impessoal’, desinteressado. O homem tem de comportar-se ante as coisas de modo ‘impessoal’, sem que seu eu intervenha. E o mundo exterior é o mestre que lhe ensina esse desprendimento. Esse mundo afasta dele todas as ilusões, todas as fantasmagorias, todos os julgamentos ilógicos, toda falta de objetividade, apresentando-lhe simplesmente, ante os sentidos, sua imagem correta.

Se o homem quiser preparar-se para a inspiração, deve fazer evoluir de tal modo seu próprio íntimo que este o torne capaz desse desprendimento, mesmo que exteriormente nada o force a isso. Ele tem de aprender *a criar* interiormente, mas de modo que sua ‘pessoa’, por ocasião dessa criação, não represente qualquer papel dominante e arbitrário. As dificuldades com as quais se lida para chegar a esse des-

prendimento se evidenciam melhor ao se considerarem as forças da alma que entram particularmente em questão na inspiração.

Três forças fundamentais se distinguem na vida anímica: representação mental, sentimento e vontade. No conhecimento sensório comum, a representação mental é provocada pelos objetos exteriores. E através dessa representação mental, incitada exteriormente, o sentimento e a vontade também recebem sua direção determinada. Uma pessoa vê, por exemplo, um objeto que lhe causa prazer, o que por conseguinte a leva a desejar o mencionado objeto. O *prazer* tem sua sede no sentimento; por meio deste a vontade é posta em atividade, conforme o cunho que recebeu da representação mental. Porém a causa última da representação mental, do sentimento e da vontade reside no objeto exterior.

Imaginemos um outro caso. Uma pessoa assiste a um acontecimento qualquer, que lhe provoca medo. Ela se afasta correndo do local. Neste caso, os fatos exteriores também são a causa última; eles se transformam em percepções por meio dos sentidos, tornando-se representações mentais, e então se apresenta o sentimento do medo; e a vontade – que se manifestou no ato de afastar-se correndo do local – é a conseqüência final. Na inspiração, desaparece o objeto exterior que se apresenta dessa forma. Os sentidos não entram em consideração na atividade perceptiva. Portanto, não podem ser a causa das representações mentais. Desse lado não é exercida qualquer influência sobre o sentimento e a vontade.

Contudo são justamente o sentimento e a vontade que, como um solo materno, fazem surgir interiormente, na inspiração, as representações mentais; o sentimento e a vontade são o solo em que estas crescem. Crescerão representações mentais verdadeiras se o solo for normal, sadio; erros e ilusões se ele for anormal, doentio.

As inspirações que se originam de um sentimento e de uma vontade sadios podem ser revelações reais de um mundo superior; e obviamente um sentimento e uma vontade desregrados dão origem aos erros, ilusões e fantasias a respeito desse mundo superior.

É por isso que o aprendizado oculto tem a missão de indicar ao homem os meios que lhe facultem transformar seus sentimentos e impulsos volitivos em frutos fecundos e sadios para a inspiração. Como em todas as coisas, o aprendizado oculto, nesse caso, também tem de organizar interiormente a vida da alma e dar-lhe uma configuração íntima. É preciso primeiro apropriar-se de certos sentimentos que na vida comum só se conhece em pequeno grau. Falaremos agora de alguns desses sentimentos. Entre os mais importantes estão os que se relacionam com uma elevada maneira de sentir diante do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘exato’ e do ‘inexato’. É verdade que o homem comum também tem sentimentos semelhantes. Porém no discípulo de ocultismo eles devem ser desenvolvidos em grau *muito* mais elevado. Imagine-se que alguém cometa um erro de lógica: outra pessoa percebe esse erro e apresenta os fatos reais. Veremos que é enorme a participação do julgamento, da razão nessa correção dos fatos, sendo mínimo o sentimento de *prazer* no caso de uma coisa exata e de *desgosto* no caso de uma inexatidão. Note-se que não queremos afirmar em absoluto que o prazer e, respectivamente, o desgosto não estejam presentes. Mas o *grau* em que eles existem na vida comum precisa crescer ilimitadamente no aprendizado oculto. O discípulo de ocultismo deve dirigir sistematicamente a atenção à vida de sua alma: deve conseguir que uma inexatidão de lógica seja para ele uma fonte de *dor*, de modo algum menor do que uma dor física; e, ao contrário, o que é ‘exato’ deve proporcionar-lhe realmente alegria ou prazer. Em situações que em outra pessoa só atingem a razão, o julgamento, o discípulo de ocultismo deve aprender a viver intensamente toda a série de

sentimentos, desde a dor até o entusiasmo, desde a mais dolorosa tensão até a maior expansão de prazer na posse da verdade. Ele deve chegar até mesmo a sentir uma espécie de ódio com relação àquilo que, num homem ‘normal’, só se apresenta como um sentimento frio e parco de uma ‘inexatidão’; ele deve desenvolver em si próprio um *amor* à verdade que adquira um caráter totalmente pessoal – tão pessoal, tão cálido como o que um homem que ama sente por sua amada.

No círculo de nossos ‘intelectuais’ fala-se com frequência do ‘amor à verdade’; mas o que se imagina sobre tal amor nem de longe se compara ao que o discípulo de ocultismo tem de sentir, num trabalho anímico calmo e íntimo, nessa direção. Com toda a paciência e repetidamente, ele deve pensar sobre o ‘verdadeiro’ ou o ‘falso’; não deve concentrar-se nisso apenas para disciplinar seu julgamento de modo a poder *discernir* com sobriedade entre o ‘verdadeiro’ e o ‘falso’, mas precisa conseguir uma relação muito pessoal com tudo isso.

Certamente, no início dessa disciplina o homem pode ser tomado por uma ‘sensibilidade exagerada’. Um julgamento inexato que ele ouve em seu ambiente, uma inconstância, etc. podem provocar-lhe uma dor quase insuportável. Por essa razão, durante o aprendizado é preciso prestar atenção a tais coisas. Caso contrário poderiam sobrevir grandes perigos para o equilíbrio do discípulo. Se tomarmos precauções para que o caráter se conserve firme, poderão desencadear-se tempestades na vida da alma e, não obstante, o homem poderá coexistir com o mundo exterior conservando aparência e atitude harmoniosas. Em qualquer caso, é um erro ser o discípulo de ocultismo levado a viver em contradição com o mundo exterior, chegando a não suportá-lo mais ou a querer fugir dele. O mundo superior dos sentimentos não deve desenvolver-se à custa da atuação e do trabalho regulares no mundo exterior; por isso é necessário que à elevação da vida dos sentimentos se acrescente uma intensificação análoga das forças de resistência ante as impressões exteriores. O ensino oculto prático não aconselha o discípulo, em caso algum, a praticar os exercícios acima aludidos para disciplinar seu mundo de sentimentos sem, ao mesmo tempo, fazer progressos no sentido de compreender o sentimento de tolerância que a vida lhe exige. Ele necessita sentirão *mesmo tempo* a mais viva dor ao ouvir uma pessoa externar um julgamento errado e comportar-se com total tolerância para com essa mesma pessoa, pois em sua alma surge o seguinte pensamento: essa pessoa tem *obrigatoriamente* de exprimir tal julgamento, e esse julgamento deve ser considerado um *fato*.

De qualquer modo, é exato que a vida interior do ocultista passará cada vez mais a ter uma existência dupla. Cada vez mais aumentará em sua alma a riqueza de fenômenos surgidos durante sua peregrinação pela vida, e um segundo mundo se apresentará com cada vez maior independência, em contraposição ao que o mundo exterior oferece. Contudo, justamente essa vida dupla será frutuosa para a verdadeira vida prática. É desse modo que sobrevém a prontidão dos julgamentos, a segurança nas resoluções. Em situações em que uma pessoa alheia a tal disciplina precisa de um longo encadeamento de idéias, sendo arrastada daqui para ali entre a decisão e a perplexidade, o ocultista terá uma visão rápida da situação, descobrirá depressa as conexões ocultas à visão comum, etc. Então precisará dispor de muita paciência para se acomodar à compreensão lenta da outra pessoa, pois nele a compreensão surgirá com a rapidez de um raio.

Até agora nos limitamos a falar das qualidades que a vida de sentimentos precisa adquirir para que a inspiração se apresente de modo correto. Resta apresentar a seguinte questão: de que maneira os sentimentos se tornam fecundos para produzir idéias verdadeiras, baseadas no mundo inspirativo? Para se

compreender a resposta da ciência oculta a essa questão, é preciso saber que a vida anímica do homem tem sempre um certo tesouro de sentimentos que ultrapassam a medida das percepções *sensórias*. O homem, por assim dizer, sente mais do que é levado a sentir pelas coisas que se lhe apresentam. Na vida comum, esse excesso é empregado num sentido que deve ser transformado pela disciplina oculta. Considere-se, por exemplo, a sensação de receio ou medo. Facilmente se verificará que em muitos casos o medo ou o receio são maiores do que seriam caso correspondessem exatamente ao fenômeno exterior. Imagine-se que o discípulo de ocultismo elabore energicamente sua alma a fim de não sentir, em caso algum, medo ou receio maiores do que realmente se justifica pelos fatos exteriores que os provocaram. De fato, é sempre gerada uma certa medida de medo ou receio na produção da força anímica. Essa força anímica se perde afetivamente quando se gera o medo ou o receio. O discípulo de ocultismo economiza real mente essa força anímica quando se priva do medo ou do receio, bem como de outros sentimentos. E ela lhe servirá para outra coisa mais. Caso ele se dedique com freqüência a tais práticas, um tesouro interior de forças anímicas continuamente poupadas se acumulará; e o discípulo de ocultismo sentirá em breve que dessa economia de sentimento crescerão germes de idéias representativas de revelações da vida superior. Isso não pode ser ‘provado’ num sentido comum; só se pode dar ao discípulo de ocultismo a instrução seguinte: faça isso ou aquilo – e se ele seguir o conselho verá que se hão de apresentar resultados satisfatórios e fecundos.

Caso se considere incorretamente o que acabamos de dizer, poderá parecer uma contradição exigir, por um lado, um *enriquecimento* do mundo de sentimentos, pretendendo que as coisas que em geral só despertam um julgamento intelectual despertem agora sentimentos de prazer, de dor, etc. – e, por outro lado, falar em *economia* de sentimentos. Essa contradição desaparecerá imediatamente quando se considerar que a economia só deve ser feita com os sentimentos despertados pelos sentidos exteriores. E o que é assim economizado surge como um enriquecimento ante as experiências espirituais interiores. De fato, os sentimentos subtraídos, desse modo, ao mundo das percepções sensórias não só se libertam na outra região como demonstram ser, nessa região, sentimentos *fecundos*. Eles produzem as idéias em que o mundo espiritual se revela.

De qualquer maneira, não nos levaria muito longe limitarmo-nos à *economia* aludida. Para obter resultados maiores, é preciso mais do que isso. É preciso que se proporcione à alma um tesouro de força geradora de sentimentos muito maior do que é possível tomando-se simplesmente *esse* caminho. A pessoa deve, por exemplo, experimentar expor-se a certas impressões exteriores e, em seguida, eximir-se dos sentimentos que se apresentariam, nesse caso, numa situação ‘normal’. Ela deve, por exemplo, colocar-se ante um acontecimento que ‘normalmente’ comove a alma e eximir-se por completo dessa emoção. Pode comportar-se assim ante um acontecimento real ou só com o auxílio de uma representação mental. Esta última maneira é a melhor para uma disciplina oculta fecunda. Ao ser iniciado na *imaginação*, o discípulo deve ser capaz, antes de seu preparo para a inspiração ou conjuntamente com ela, de despertar imaginativamente um acontecimento na alma com o mesmo vigor que este teria se existisse realmente. Quando, num demorado trabalho interior, o discípulo se expõe repetidamente a coisas e acontecimentos eximindo-se dos sentimentos ‘normais’ despertados por eles, cria-se em sua alma o solo materno para a inspiração.

Queremos apenas ressaltar que o presente descritor desse *aprendizado para a inspiração* pode compreender as objeções a essa descrição, baseadas na cultura

atual. Não só é possível objetar isto ou aquilo, mas sorrir com um ar de superioridade e dizer: “A inspiração não pode ser ensinada de modo pedante; ela é um dom natural do gênio.” Certamente, do ponto de vista da cultura atual, pode parecer cômico falar sobre o desenvolvimento de algo do qual essa cultura não quer receber qualquer esclarecimento; mas a cultura atual não está consciente de que só sabe conduzir mal, até o fim, a concatenação de seus próprios pensamentos. Se exigíssemos de um defensor da cultura atual acreditar que um animal superior não tenha evoluído lentamente, mas surgido ‘de repente’, ele diria que um homem moderno culto não acredita em tal ‘milagre’ – isso não passa de uma ‘superstição’. Ora, no que se refere à vida anímica, esse homem moderno culto é, de acordo com suas próprias idéias, alguém que acredita em superstições grosseiras. Ele não quer pensar que uma alma mais perfeita deva ter evoluído também, não podendo ter surgido de repente como um dom da natureza. Observando-se superficialmente, muitos gênios parecem ter ‘surgido do nada’, de um modo inexplicável; mas isso só ocorre para a superstição materialista, pois o cientista do espírito sabe que uma faculdade genial, surgindo na vida de um homem como que proveniente do nada, é simplesmente a consequência de sua educação para a inspiração numa existência anterior. No domínio teórico, a superstição materialista já é prejudicial; mas ela o é muito mais ainda num domínio prático como o que aqui tratamos. Pelo fato de crer que os gênios, agora e sempre, ‘caem do céu’, essa superstição não se interessa por todos os ‘disparates ocultistas’ ou pelo ‘misticismo fantástico’ que fala de um preparo para a inspiração. Desse modo a superstição dos materialistas impede o verdadeiro progresso da humanidade. Esse materialismo não se preocupa em desenvolver as faculdades latentes no homem.

Na realidade, muitas vezes aqueles que se arvoram em espíritos progressistas e livres-pensadores são os inimigos da verdadeira evolução. Contudo dizemos isso apenas como um parêntese, necessário com respeito à relação da ciência oculta com a cultura atual.

As forças anímicas que se acumulam como um tesouro no íntimo do discípulo, pela aludida privação dos sentimentos ‘normais’, certamente se transformariam em inspirações, mesmo que nada acesse em seu auxílio. E o discípulo de ocultismo sentiria elevar-se em sua alma idéias verdadeiras, expressões de experiências íntimas em mundos superiores. Tudo começaria com as experiências mais simples de fenômenos supra-sensíveis e, lentamente, surgiriam coisas mais complicadas e elevadas, caso o discípulo continuasse a viver interiormente no sentido indicado.

Mas na realidade esse aprendizado oculto seria, hoje em dia, pouco prático, e quando se pretende chegar a resultados sérios não é seguido em parte alguma. Se o discípulo quisesse, desse modo, desenvolver ‘por si próprio’ tudo o que a inspiração pode oferecer, chegaria a ‘imaginar’ *tudo* o que já foi relatado aqui sobre a entidade humana, sobre a vida do homem após a morte, sobre a evolução do gênero humano e do planeta terrestre, etc. Mas nesse caso ele precisaria de um tempo infinito. O mesmo aconteceria se alguém quisesse inventar sozinho a geometria, sem levar em consideração o que os homens antes dele já elaboraram nesse domínio. ‘Teoricamente’ isso é possível, sem dúvida. Querer pô-lo em prática seria um absurdo. Na ciência oculta tampouco se faz isso, e sim ouvem-se de um mestre os relatos de coisas conquistadas para a humanidade por meio de seus inspirados precursores. Esses relatos devem servir atualmente de base para nossa própria inspiração. Tudo o que se divulga hoje sobre a ciência oculta em publicações, conferências, etc. pode servir de base para a inspiração. Por exemplo, o ensinamento sobre as diversas partes básicas do homem (corpo físico, corpo etérico, corpo astral,

etc.), os conhecimentos sobre a vida após a morte até a nova encarnação e também, por exemplo, tudo o que se publicou sob o título 'A Crônica do Akasha'. É importante saber que precisamos da inspiração para encontrar e vivenciar as verdades superiores, mas não para compreendê-las. Sem a inspiração não se pode encontrar os fatos relatados sob o título 'A Crônica do Akasha'. Mas se eles nos forem comunicados, pode-se aceitá-los pelo critério lógico comum. Ninguém poderá objetar que afirmamos coisas impossíveis de se compreender sem inspiração. Caso não se trate de um inspirado, essas coisas só são incompreensíveis a quem não queira refletir bastante sobre elas.

Ao nos serem comunicadas, essas verdades despertam, por sua própria força, a inspiração na alma. Quando se participa dessa inspiração, é preciso não receber esses conhecimentos de modo indiferente e intelectual, mas transportar-se, pelo impulso e pela elevação das idéias, a toda espécie de sentimentos. E como poderia deixar de ser assim? Será possível que o sentimento se conserve indiferente e embotado quando deixamos desfilar em espírito, diante de nós, os grandiosos acontecimentos sobre a Terra, em seu desenvolvimento a partir da Lua, do Sol e de Saturno? Ou quando se percebe a infinita profundidade da natureza humana, através do conhecimento de seus corpos etérico, astral, etc.? Somos até tentados a dizer: pobre daquele que só pode sentir indiferença ante esse tão grandioso edifício de idéias! Se o homem não tiver apenas um sentimento de indiferença, mas se deixar compenetrar por toda a gama de sentimentos desde a maior ansiedade até a maior expansão de felicidade, por todas as tensões e crises, por todos os progressos e retrocessos, por todas as catástrofes e revelações, então o solo materno para a inspiração se há de preparar nele por si. Em todo caso, só se poderá desenvolver a necessária vida para os sentimentos, ante essas comunicações sobre um mundo superior, quando se praticar exercícios como os acima aludidos. Para quem dirigir suas forças de sentimento ao mundo das percepções sensórias, os relatos acerca de um mundo superior parecerão 'conceitos áridos', 'teorias confusas'. Ele nunca chegará a compreender que é possível a outrem sentir aquecer-se o coração ao ouvir as comunicações da ciência oculta, quando ele próprio se conserva "frio até às últimas fibras do coração". Ele poderá dizer o seguinte: "Tudo isso é apenas alimento para a mente – é intelectual; desejo coisas que falem aos sentimentos." Contudo não percebe que o motivo para seu coração se conservar frio reside nele próprio.

Muitas pessoas não dão o devido valor ao poder que se oculta nas comunicações sobre um mundo superior. E em decorrência disso, preferem toda espécie de exercícios e processos diferentes. "Ora", dizem elas, "de que me vale ouvir relatos sobre os aspectos que se apresentam nos mundos superiores? Eu desejaria poder observá-los pessoalmente". A esses indivíduos falta, em geral, apenas a paciência para aprofundar-se de contínuo nos relatos sobre os mundos superiores. Se o fizessem, eles veriam a força ativa desses 'simples relatos' e perceberiam que sua própria inspiração é estimulada ao ouvirem falar sobre as inspirações de outras pessoas.

Certamente é necessário, para o 'aprendizado', acrescentarem-se outros exercícios caso o discípulo queira progredir rapidamente na vivência dos mundos superiores; mas não se deve menosprezar a grande e ilimitada importância do 'aprendizado'. E, de qualquer modo, não se pode dar a pessoa alguma a esperança de conseguir fazer progressos rápidos nos mundos superiores por meio de qualquer espécie de exercícios, a não ser que essa pessoa consiga aprofundar-se ininterruptamente nas *comunicações* feitas em estilo de narrativa, por pessoas competentes, sobre os fenômenos e seres desses mundos superiores.

Em razão de serem feitas atualmente essas comunicações em livros e conferências, e de ter sido feita uma leve alusão a respeito dos exercícios que conduzem ao conhecimento dos mundos superiores (por exemplo, o livro *O conhecimento dos mundos superiores* contém essas leves alusões), pode-se agora saber algo sobre coisas que antigamente só eram comunicadas em escolas de ocultismo estritamente fechadas. Como já dissemos muitas vezes, essa publicidade é resultante das condições de nossa época, e é necessária. Mas é preciso frisar que, apesar de ter sido facilitado o conhecimento da sabedoria oculta, a direção segura de um mestre de ocultismo com experiência nesse domínio ainda não é dispensável de todo.

O conhecimento pela inspiração conduz o homem à vivência dos *fenômenos* dos mundos invisíveis – por exemplo, a evolução do homem, da Terra e de suas encarnações planetárias; mas quando nesses mundos superiores não se trata apenas de *fenômenos*, porém de *seres*, é necessário intervir a forma cognitiva da intuição. O que se passa por intermédio desses seres fica-se conhecendo em imagens, pela imaginação; as leis e condições, pela inspiração; e caso queiramos relacionar-nos com o ser, é necessária a intuição.

A maneira como a inspiração se entretetece ao mundo das imaginações, compenetrando-as como uma ‘música espiritual’ e tornando-se, desse modo, o meio de expressão do ser que se pode conhecer pela intuição, será explicada mais tarde. Então trataremos da própria intuição. Queremos ainda dizer que o que na ciência oculta se denomina ‘intuição’ nada tem a ver com o que atualmente é, em geral, assim denominado na linguagem popular. O sentido dessa palavra é, neste caso, o de uma ‘ocorrência’ casual, em contraposição a um conhecimento da mente ou da razão, adquirido de forma clara e conseqüente. Na ciência oculta, a ‘intuição’ não é algo confuso e incerto, porém uma elevada forma de conhecimento, cheia de luminosa clareza e de segurança absoluta.

A inspiração e a intuição

Assim como se pode chamar a imaginação de *visão* espiritual, pode-se chamar a inspiração de *audição* espiritual. Ao empregar a expressão ‘audição’ devemos saber que se trata de uma percepção muito mais afastada da audição sensória no mundo físico do que a semelhança que a ‘visão’ no mundo imaginativo (astral) apresenta com a visão dos olhos físicos. A respeito dos fenômenos luminosos e coloridos do mundo imaginativo, pode-se dizer que se tem a sensação de que as superfícies luminosas e as cores dos objetos sensoriais se erguem destes últimos e, libertando-se deles, flutuam livremente no espaço. Isso dá uma idéia aproximada do que sucede na realidade, pois o espaço do mundo imaginativo não é semelhante ao do mundo físico. Portanto, quem julgar erradamente ter ante si imagens coloridas do mundo imaginativo ao avistar flocos coloridos flutuando livremente, com a dimensão espacial comum, incidirá em erro. No entanto, a formação dessas representações mentais de cores é o caminho da vida imaginativa. Quem experimenta formar a representação mental de uma flor e em seguida afasta de sua mente tudo o que não seja a representação da cor, deixando que flutue ante sua alma uma imagem semelhante à superfície colorida que se desprende da flor, pode *chegar aos poucos*, por meio desses exercícios, a uma imaginação. Essa imagem ainda não é a própria imaginação, porém uma criação da fantasia, que precede a imaginação. Ela só se torna uma imaginação – que é uma vivência realmente astral – quando não só a cor se separou por completo da impressão sensória, como também a configuração

peculiar ao espaço de três dimensões também se perdeu totalmente. Isso só pode ser percebido por meio de um determinado sentimento. Só se pode descrever esse sentimento dizendo que não nos sentimos mais fora da imagem colorida, porém *dentro* dela, e temos a consciência de tomar parte em sua formação. Caso esse sentimento não surja, caso pensemos ter ante nós uma imagem colorida sensória, não se trata então de uma imaginação real, porém de uma fantasmagoria. Não queremos dizer com isso que essas imagens da fantasia não tenham qualquer valor. Elas podem ser reproduções etéricas – qual sombras de fatos astrais reais – e, como tais, têm seu relativo valor no aprendizado da Ciência Espiritual. Elas podem ser uma ponte a conduzir as vivências verdadeiramente astrais (imaginativas).

Só existe um certo perigo em sua observação, caso o observador, nesse domínio limítrofe entre o sensório e o supra-sensível, não disponha de uma razão sã e normal. Porém não se deve esperar por uma regra geral para, nesse domínio limítrofe, distinguir a ilusão, a alucinação e a fantasia da realidade. Seria, naturalmente, cômoda uma regra geral assim; mas comodidade é uma palavra que o discípulo de ocultismo deve riscar de seu vocabulário.

Só se pode dizer que quem queira adquirir, nesse domínio, um discernimento claro também deve procurar adquiri-lo na vida comum do mundo físico. Quem, na vida comum, não se esforçar por pensar com lucidez e clareza será, ao elevar-se aos mundos superiores, vítima de toda espécie de ilusões. Considere-se quantas armadilhas essa vida comum oferece ao julgamento normal e sadio! Inúmeras vezes as pessoas não vêem objetivamente a realidade, porém aquilo que desejam ver. Em inúmeros casos os homens não acreditam em algo por conhecê-lo, mas porque lhes é agradável acreditar nele. E quantos erros ocorrem por não se verificar algo até seus fundamentos, e sim formar precipitadamente um juízo a seu respeito! A estes motivos de ilusões na vida comum poderiam acrescentar-se outros ao infinito. Quantas peças o partidarismo, a paixão, etc., etc. pregam a um julgamento normal! Na vida comum esses erros de julgamento causam distúrbios e provocam desastres, mas para a normalidade da vivência supra-sensível representam um enorme perigo. O discípulo de ocultismo não pode receber uma regra geral que lhe sirva de guia nos mundos superiores, porém apenas a advertência de que deve fazer o possível para conservar sadia sua força de discernimento e livre e independente seu julgamento.

Quando o observador dos mundos superiores sabe o que é, na realidade, a imaginação, em breve se apossa dele a sensação de que as imagens do mundo astral não são *apenas* imagens, porém manifestações de entidades espirituais. Ele fica sabendo que pode relacionar os quadros imaginativos com entidades espirituais ou anímicas, assim como as cores sensoriais se relacionam com coisas ou entidades sensoriais. Em seus pormenores, ele ainda tem muito o que aprender nesse sentido. Ele terá de discernir entre figuras coloridas que parecem opacas e outras completamente transparentes, parecendo inteiramente permeadas de luz em seu interior. Perceberá também figuras que parecem produzir repetidamente uma luz matizada em seu interior, não apenas sendo totalmente transparentes, como também emanando, de contínuo, irradiações luminosas por si próprias. As figuras mais opacas são relacionadas com entidades inferiores, as permeadas de luz com entidades de desenvolvimento médio e as imagens que emanam irradiações luminosas por si próprias são manifestações de entidade espirituais superiores.

Se quisermos abranger a verdade do mundo imaginativo, não deveremos formar um conceito muito estreito da visão espiritual, pois nesse mundo não só há percepções de luz e de cor comparáveis às experiências comuns do mundo físico como também impressões de calor e de frio, do paladar e do olfato, além de outras

vivências dos ‘sentidos’ imaginativos, impossíveis de comparar a coisas existentes no mundo físico. As impressões de calor e de frio são, no mundo imaginativo (astral), as revelações da vontade e das intenções de seres anímicos e espirituais. As intenções boas ou más de um ser dessa categoria se manifestam como calor ou frio. Pode-se também ‘saborear’ e ‘cheirar’ as entidades astrais.

Só o que perfaz a parte propriamente física do som e do ruído está *quase* totalmente ausente no verdadeiro mundo imaginativo. Nesse sentido, reina ali um silêncio absoluto. Em compensação, apresenta-se algo totalmente diverso à pessoa que progride na observação espiritual, algo que se pode comparar aos sons e ruídos, à música e à linguagem do mundo sensório. E no momento exato em que todos os sons e ruídos do mundo físico exterior cessam por completo, quando o mínimo eco anímico interior se cala nessa região do mundo exterior, apresenta-se esse elemento superior. Então surge no observador o que se pode chamar de *compreensão da importância* das vivências imaginativas. Se quiséssemos comparar as vivências nesse domínio com alguma coisa do mundo físico, só poderíamos falar de algo que não existe neste mundo. Imagine-se que se pudesse perceber os pensamentos e sentimentos de uma pessoa, *sem* ouvir suas palavras com o ouvido físico; essa percepção seria comparável à compreensão imediata da imaginação, a que se dá o nome de ‘ouvir’, num sentido espiritual. O que ‘fala’ são as expressões das cores e luzes. No fulgurar e extinguir-se, na transformação das cores das imagens manifestam-se harmonias e desarmonias que revelam os sentimentos, as representações mentais e os pensamentos de entidades anímicas e espirituais. E assim como o som, elevando-se, transforma-se em palavras no homem físico ao se imprimir no som o pensamento, assim também as harmonias e desarmonias do mundo espiritual tornam-se manifestações – manifestações que são os próprios pensamentos substanciais. Para isso é necessário que, devendo o pensamento revelar-se de modo imediato, ‘sobrevenha a escuridão’ no mundo espiritual. A vivência que se apresenta pode ser assim descrita: – Vêem-se fenecer os tons claros das cores: o vermelho, o amarelo e o laranja; e percebe-se que o mundo superior escurece, passando pelo verde até chegar ao azul e ao violeta; ao mesmo tempo sente-se dentro do próprio ser um aumento de energia volitiva interior. Sentimos uma liberdade completa, com relação a lugar e tempo; sentimo-nos em movimento. Trata-se de certas formas lineares que são sentidas por nós. Mas não as sentimos como se as víssemos desenhadas num espaço, porém como se, num movimento incessante, nosso próprio eu seguisse o impulso de cada linha, de cada forma. Sente-se o eu como se fora ao mesmo tempo o desenhista e o material com que se desenha. E o percurso de cada linha, cada mudança de lugar, são ao mesmo tempo vivências sentidas por esse eu. Ficamos sabendo que, com nosso próprio eu em movimento, estamos entretecidos às forças cósmicas criadoras. Agora as leis do Universo não são mais uma percepção exterior do eu, porém uma urdidura milagrosa em que o homem tece.

A ciência oculta apresenta toda espécie de signos e imagens alegóricas. Quando correspondem realmente aos fatos e não são apenas figuras imaginárias, fundamentam-se então em vivências do observador nos mundos superiores, vivências que se apresentam à visão do modo acima descrito.

É dessa maneira que o mundo inspirativo se junta ao mundo imaginativo. Quando as imaginações começam a revelar ao observador sua importância numa ‘linguagem muda’, então se eleva *dentro* do mundo imaginativo o mundo da inspiração.

O mundo físico é uma manifestação do mundo em que o observador penetra dessa maneira. A parte do mundo físico que pode ser observada pelos sentidos e pelo

intelecto limitado a esse mundo é somente exterior. Basta um exemplo: a planta, quando observada com os sentidos físicos e com o intelecto físico, não é o ser total da planta. Quem só conhece a planta física tem ante si algo semelhante ao que teria um ser que pudesse observar apenas a unha de um homem, mas a quem a percepção do próprio homem fosse inacessível. A contextura e a entidade da unha só podem ser compreendidas quando explicadas a partir da entidade humana completa. Assim sendo, a planta só é, na verdade, compreensível quando se conhece tudo o que lhe pertence, tal como se passa com a entidade humana completa e sua unha. Mas não se pode encontrar no mundo físico essa parte pertencente à planta. O que reside na planta só se pode revelar, de início, pela imaginação, no mundo astral; além disso, há nela algo mais que só se manifesta pela inspiração, no mundo espiritual. Desse modo a planta, enquanto ser físico, é a manifestação de uma entidade que só se pode compreender por meio da imaginação e da inspiração.

Para o observador dos mundos superiores se abre, conforme o que dissemos acima, um caminho que se inicia no mundo físico. Ele pode, de fato, principiar no mundo físico e elevar-se, partindo de suas manifestações, até as entidades superiores que lhe servem de base. Partindo do reino animal, pode elevar-se ao mundo imaginativo; quando seu ponto de partida é o mundo vegetal, a observação espiritual o conduz, através da imaginação, ao mundo da inspiração. Quando se percorre esse caminho, em breve se encontram também, no âmbito do mundo imaginativo e inspirativo, entidades e fatos que não se manifestam de modo algum no mundo físico. Não se deve, portanto, crer que desse modo se fica conhecendo apenas as entidades dos mundos superiores cujas manifestações se apresentam no mundo físico. Quem penetrou no mundo imaginativo fica conhecendo uma quantidade enorme de seres e acontecimentos com os quais o observador restrito ao físico nem pode sonhar.

É verdade que existe também um outro caminho – um caminho que não tem como ponto de partida o mundo físico. Por meio dele o homem adquire de modo imediato a clarividência nos domínios superiores da existência. Para muitas pessoas, esse caminho talvez ofereça maior atração do que aquele aludido anteriormente; mas para as atuais condições de vida deveria ser escolhida apenas a elevação partindo do mundo físico. Esse caminho obriga o observador à renúncia necessária para que, no início, ele observe o mundo físico à sua volta, nele adquira alguns conhecimentos e faça principalmente um certo número de experiências. De qualquer modo, nas condições culturais da atualidade esse é o mais adequado. O outro caminho requer a aquisição prévia de certos predicados anímicos, difíceis de se obterem nas condições atuais de vida. Os livros sobre o assunto sempre falam desses predicados anímicos, frisando e esclarecendo sua importância, mas o grau em que é preciso adquiri-los (por exemplo, o altruísmo, o amor dedicado, etc.), quando não se quer tomar por ponto de partida o solo firme do mundo físico para chegar aos mundos superiores, é difícil de atingir, e a maioria das pessoas nem sequer faz idéia do que se trata. E se alguém despertasse nos mundos superiores sem possuir os predicados anímicos respectivos, o resultado seria desastroso e provocaria enorme sofrimento. Mas não se deve crer que, pelo fato de se partir do mundo físico e de suas experiências, a pessoa possa privar-se dos ditos predicados anímicos. Se assim pensássemos, estaríamos incidindo num erro de graves consequências. Contudo, esse ponto de partida permite que se adquiram esses predicados anímicos na medida – e principalmente na forma – em que isso é possível nas condições atuais de vida.

Devemos levar em consideração outra coisa mais. Quando se parte do mundo físico do modo aludido, conserva-se, apesar da elevação aos mundos superiores, uma

conexão vivaz com o primeiro. Conserva-se total compreensão para com tudo o que nele sucede, e plena energia para atuar nele. Essa compreensão e essa energia até mesmo aumentam de modo profícuo pelo conhecimento dos mundos superiores. Em todo e qualquer ramo da vida, por mais prosaico que pareça no domínio prático, o conhecedor dos mundos superiores torna-se mais eficiente, e sua atuação será mais perfeita do que a daquele que os ignora, caso ele tenha conservado uma conexão vivaz com o mundo físico.

Porém a pessoa que desperta nos domínios superiores da existência sem tomar como ponto de partida o mundo físico facilmente se tornará estranha à vida; será um eremita, não compreendendo a vida contemporânea nem participando dela. Até mesmo sucede freqüentemente de as pessoas preparadas desse modo imperfeito – o que não se dá com aquelas desenvolvidas de modo perfeito – considerarem com certo desprezo as experiências vividas no mundo físico, sentirem-se importantes demais com relação a ele, etc. Em lugar de crescer sua participação no mundo, essas pessoas transformam-se em natureza duras e, num sentido espiritual, egoístas. A tentação exercida por tudo isso não é pequena; e aqueles que se esforçam por elevar-se aos mundos superiores deveriam estar atentos a isso.

Da inspiração o observador espiritual pode elevar-se à *intuição*. Na linguagem da ciência oculta esse termo significa, em muitos casos, justamente o contrário do sentido em que com freqüência é empregado na vida comum. Nesta se fala de intuição com o significado de uma idéia pouco clara, que nos dá a impressão de ser verdadeira mas sem um fundamento conceitual nítido. Ela representa muito mais um grau elementar do conhecimento do que o próprio conhecimento. Uma 'idéia' ocorrida assim – de acordo com esse conceito – pode iluminar uma grandiosa verdade como uma luz de magnésio; porém só pode ter valor quando se fundamenta em julgamentos conceituais. Às vezes se dá à palavra 'intuição' o sentido de uma coisa que se 'sente' com segurança absoluta ser uma verdade, mas que não se quer agravar com conceitos intelectuais. Há pessoas que, ao aproximar-se dos conhecimentos da ciência oculta, assim se exprimem: "Eu já sabia disso 'intuitivamente'." Tudo isso deve ser esquecido quando se quer compreender a expressão 'intuição' no sentido verdadeiro de que falamos. A intuição, assim compreendida, é um conhecimento que nada fica a dever em clareza ao conhecimento intelectual, e sim o ultrapassa imensamente nesse sentido.

Na inspiração, as experiências vividas nos mundos superiores revelam seu significado. O observador vive nos atributos e nas ações dos seres desses mundos superiores. Quando, conforme caracterizamos acima, ele percorre com seu eu uma linha ou uma forma, sabe que não se encontra no interior do próprio ser, porém dentro de seus atributos e atos. A partir do conhecimento imaginativo ele tem a vivência de sentir-se dentro das imagens coloridas, e não fora delas; mas sabe, do mesmo modo, que essas imagens coloridas não são seres independentes com vida própria, porém atributos desses seres. Na inspiração ele tem a consciência de tornar-se uno com os atos desses seres, com as manifestações de sua vontade; somente na intuição ele se funde propriamente com seres coesos em si próprios. Num sentido correto, isso só acontece quando essa fusão não se dá com a extinção de nossa própria entidade, e sim mantendo toda a sua integridade. É prejudicial qualquer espécie de 'perder-se a si próprio' num ser estranho. Por isso, só um eu firme em si mesmo em grau elevadíssimo pode mergulhar em outro ser sem prejudicar-se.

Só se chega a compreender algo intuitivamente quando se tem, em relação a esse 'algo', o sentimento de que nele se revela um ser da mesma espécie e da mesma coesão interna que o próprio eu. Quem observa com os sentidos uma pedra e

procura compreendê-la com a mente, de acordo com seus atributos – e com o auxílio da ciência comum –, só fica conhecendo a parte exterior da pedra. Quando se trata de um observador do espírito, este passa ao grau do conhecimento imaginativo e inspirativo. Caso ele experimente este último, terá ainda um outro sentimento. Poderíamos caracterizar esse sentimento com a seguinte comparação: – Imagine-se que se aviste um homem na rua. No primeiro instante ele causa no observador uma impressão passageira. Mais tarde este fica conhecendo melhor essa pessoa; e chega o momento em que a amizade por ela faz com que as almas das duas pessoas se abram mutuamente. A vivência que se tem quando os envoltórios da alma caem e um eu se encontra frente a outro pode ser comparada à do observador do espírito a quem a pedra só se manifesta exteriormente, sendo que em seguida ele percebe aquilo a que a pedra pertence tal qual a unha pertence ao corpo físico – algo que vive como um 'eu' da mesma espécie que o nosso próprio eu.

Somente na intuição o homem atinge o tipo de conhecimento que o transporta ao 'interior' do ser. Quando falamos sobre a inspiração, aludimos à metamorfose que sofre a disposição anímica do observador do espírito quando ele pretende adquirir essa forma de conhecimento. Dissemos que, por exemplo, um julgamento errôneo não deve falar apenas à mente, mas também ao sentimento – deve provocar sofrimento, dor, e o observador precisa preparar sistematicamente essa vivência. Enquanto essa dor for provocada pelas simpatias e antipatias do eu, por seu partidatismo, não se pode falar de uma preparação da inspiração por seu intermédio. Esse leve despertar da vida do sentimento ainda está muito afastado da participação interior que o eu deve ter na simples verdade – como verdade – se quiser atingir as metas desejadas. Nunca é demais acentuar que, a bem dizer, todas as formas de interesse que se exprimem na vida comum como prazer e sofrimento diante da verdade e do erro devem calar-se, devendo em seguida sobrevir uma forma de interesse completamente diferente, sem qualquer espécie de egoísmo quando se trata de adquirir o conhecimento por meio da inspiração. Existe um número ilimitado de exercícios que é preciso acrescentar a esse. E quanto mais o observador do espírito aperfeiçoar o que lhe serviu na inspiração, tanto mais conseguirá aproximar-se da intuição.

Do posfácio de Marie Steiner

Rudolf Steiner levou avante, em outras obras, o curso de idéias não terminado neste livro. Ele próprio declarou que *Ein Weg zur Selbsterkenntnis des Menschen* [Um caminho para o autoconhecimento do homem] e *O limiar do mundo espiritual* são a continuação do conteúdo tratado aqui.

Em *Kosmologie, Religion und Philosophie* [Cosmologia, Religião e Filosofia] eleva-se ainda mais a força descritiva dos fenômenos do conhecimento meditativo, assim como no opúsculo *Vom Seelenleben* [Da vida da alma]. O ponto máximo na formulação do fenômenos supra-sensíveis foi atingido por Rudolf Steiner em seu último ano de vida, quando ele nos deixou como um legado suas *Leitsätze für die Anthroposophische Gesellschaft* [Diretrizes para a Sociedade Antroposófica] e suas *Briefe an die Mitglieder* [Cartas aos membros], publicadas agora sob o título *Das Michael-Mysterium* [O mistério do Arcanjo Miguel]. Elas são a conclusão e a coroação da obra aqui iniciada para a educação esotérica da humanidade. Quem tiver dificuldade em praticar sozinho o que foi aqui aconselhado deve ler e viver interiormente as explicações profundíssimas de Carl Unger em sua obra *Aus der*

Sprache der Bewusstseinsseele [Da linguagem da alma da consciência]. Se assim fizer, o leitor terá adquirido um tesouro valioso. Unger escreveu essas cartas para um círculo de membros; em seguida elas foram publicadas na revista *Anthroposophie* [Antroposofia], e após sua morte reunidas sob forma de livro. Elas são uma elaboração, cheia de vida e entusiasmo, de matéria extensíssima, e transformam os fenômenos do conhecimento em fenômenos vitais. Nessa obra se realizou em uma alma o que Rudolf Steiner queria despertar em seus discípulos: o pensamento voltou a ser vida. A linguagem da alma da consciência encontra o caminho para o Verbo perdido, que Rudolf Steiner arrancou à morte e doou novamente à humanidade.